

MIGUEL REAL

40 anos de vida literária

4 de outubro a 6 de dezembro | 2019

Ciclo de Homenagem

BIBLIOTECA MUNICIPAL EDUARDO LOURENÇO

EXPOSIÇÃO / COLÓQUIOS / TEATRO



Índice

ORGANIGRAMA	1
INTRODUÇÃO	3
GUIÃO DA EXPOSIÇÃO	7
COLABORADORES DOS TRÊS COLÓQUIOS	21
MENSAGENS DE HOMENAGEM A MIGUEL REAL	33
MIGUEL REAL NO SEU “LABORATÓRIO DE ESCRITA”	53

ORGANIGRAMA

INSTITUIÇÕES PROMOTORAS

Câmara Municipal da Guarda
Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço
Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior
LabCom.IFP - Comunicação, Filosofia e Humanidades
Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa
ÉTER – Produção Cultural
Instituto Politécnico da Guarda

INSTITUIÇÕES PROMOTORAS ASSOCIADAS

Observatório da Língua Portuguesa
Academia Lusófona Luís de Camões
Instituto Europeu de Ciências da Cultura - Padre Manuel Antunes
Instituto Fernando Pessoa
Academia Brasileira de Letras
Nova Águia – Revista de Cultura para o Século XXI
Universidade da Madeira

COMISSÃO CIENTÍFICA

Alexandre António da Costa Luís (UBI, LabCom.IFP, ALLC, OLP, MIL)
Álvaro Manuel Machado (Professor Catedrático jubilado da Universidade Nova de Lisboa)
Anabela Sardo (IPG)
André Barata (UBI)
Annabela Rita (FL da Universidade Nova de Lisboa, CLEPUL, ALLC, APE, IEF, OLP, SHIP)
António José Borges (CLEPUL, Revista Nova Águia)
Barbara Jursik (Universidade de de Ljubljana - Eslovénia)
Carla Sofia Gomes Xavier Luís (UBI, LabCom.IFP, ALLC, OLP, MIL)
Carlos Fiolhais (Universidade de Coimbra, Diretor do Rómulo CCVUC, Comunicador de Ciência)
Catarina Moura (UBI)
Daniel Henri-Pageaux (Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3)
Eduardo Lourenço (Ensaísta/Escritor)
Filomena Oliveira (Encenadora - Grupo de Teatro Éter)
Gabriel Magalhães (UBI, Centro de Estudos Comparativistas da UL, Escritor)
Idalina Sidoncha (UBI, LabCom.IFP)
Isabel Ponce de Leão (Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa e Membro Integrado do CLEPUL)
João Morgado (Escritor)
José Carlos Seabra Pereira (Universidade de Coimbra)
José Manuel Mendes (Presidente da Associação Portuguesa de Escritores)
José Maria da Silva Rosa (Presidente da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior)
Luísa Maria Soeiro Marinho Antunes Paolinelli (Universidade da Madeira)
Manuel Sérgio (Professor catedrático aposentado da FMH/UL)
Marco Lucchesi (Presidente da Academia Brasileira de Letras)
Maria Luísa Castro Soares (UTAD, MIL)
Maria do Rosário Pedreira (Editora, Escritora, Poetisa e Letrista portuguesa)

Nuno Júdice (Escritor/Ensaísta)

Onésimo Teotónio d'Almeida (Diretor do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiro da Brown University, em Providence, Rhode Island)

Paulo Serra (UBI, Coordenador do Centro de Investigação LabCom)

Pinharanda Gomes (Ensaísta, pensador, escritor, filósofo)

Renato Epifânio (Centro de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa, Presidente do MIL - Movimento Internacional Lusófono e diretor da revista "Nova Águia")

Silvie Špánková (Universidade Masaryk de Brno - República Checa)

Teolinda Gersão (Professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa/Escritora)

Urbano Sidoncha (UBI, LabCom.IFP, Política e Cultura, Diretor do Mestrado de Estudos de Cultura)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Annabela Rita (FL-UL/CLEPUL)

Carla Sofia Luís (UBI)

Alexandre Luís (UBI)

Dulce Borges (BMEL)

Urbano Sidoncha (UBI)

Idalina Sidoncha (UBI)

Alexandra Isidro (CMG)

Victor Afonso (TMG)

Marta Costa (BMEL)

António Oliveira (BMEL)

Anabela Sardo (IPG)

COMPOSIÇÃO GRÁFICA (presente volume)

Filomena Santos (FAL - UBI)

WEB DEVELOPER (página do Evento)

Marcela Silva (LabCom.IFP)

António Matos (LabCom.IFP)

DESIGNER (Cartaz e desdobrável)

António Matos (LabCom.IFP)

Unificação de vídeos e imagem

Miguel Rebelo (UBI)

DESIGNER (Painéis da Exposição, convite e primeiro cartaz de divulgação)

Tiago Rodrigues (Câmara Municipal da Guarda)

INTRODUÇÃO

Exposição Miguel Real: 40 anos de vida literária¹

A Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço e a Câmara Municipal da Guarda, em parceria com a FAL e o Centro de Investigação LabCom.IFP da Universidade da Beira Interior, bem como o Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa, a ÉTER e outras Artes e o Instituto Politécnico da Guarda, dão continuidade ao **ciclo de homenagem a Miguel Real pelos seus 40 anos (1979-2019²)** de Vida Literária que teve início no *Colóquio Internacional Miguel Real – Literatura, Filosofia, Cultura*³, havido na *Universidade da Beira Interior* (FAL – UBI, Covilhã), nos dias 7 e 8 de novembro de 2018, através da realização de uma **exposição** assente em dois pilares fundamentais: a Vida e a Obra deste destacado vulto da cultura portuguesa, leitor assíduo de **Eduardo Lourenço** e autor de três premiadas obras intituladas *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa* (Quidnovi, 2008), *O Essencial Sobre Eduardo Lourenço* (INCM, 2003) e *Eduardo Lourenço – Os Anos da Formação 1945-1958* (INCM, 2003).

No âmbito desta iniciativa, que terá lugar na BMEL, foram preparados **três colóquios (4 de outubro, 6 de novembro e 6 de dezembro de 2019)** que procuram abarcar as diferentes dimensões da obra de Miguel Real, a saber: Ensaio (Filosofia e Cultura Portuguesa) e Ficção (Teatro e Romance).

Concretamente no primeiro evento, intitulado *Colóquio Miguel Real – 40 anos de escrita: ensaio, ficção, &c.* (4 de outubro de 2019, a partir das 15:00, sala de Tempo e Poesia da **BMEL – Guarda**), além das conferências proferidas por **José Carlos Seabra Pereira**, **Annabela Rita**, **Carla Sofia Luís**, **Urbano Sidoncha & Idalina Sidoncha**, **Alexandre Luís**, **Renato Epifânio**, com a participação de Miguel Real e moderação de **Idalina Sidoncha** e **João Morgado**, da sessão de autógrafos, que decorrerá junto ao ponto de venda de livros da responsabilidade da livraria *A Mar Arte* (Leya), será inaugurada a mencionada exposição. Haverá ainda espaço para se projetarem as mensagens de homenagem enviadas por: **Barbara Jursik** (Universidade de Ljubljana – Eslovénia); **Carlos Fiolhais** (Universidade de Coimbra); **Isabel Ponce de Leão** (Professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa e Membro Integrado do CLEPUL); **José Manuel Mendes** (Presidente da Associação Portuguesa de Escritores); **Marco Lucchesi** (Presidente da Academia Brasileira de Letras); **Maria do Rosário Pedreira** (Editora, Escritora, Poetisa e Letrista portuguesa); **Onésimo Teotónio d’Almeida** (Diretor do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiro da Brown University, em Providence, Rhode Island); **Pinharanda Gomes** (Ensaísta, pensador, escritor, filósofo); **Silvie Špánková** (Universidade Masaryk de Brno – República Checa); **Teolinda Gersão** (Professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa/Escritora).

No segundo evento, intitulado *Colóquio Miguel Real – 40 anos de escrita: a (re)criação dramática* (6 de novembro de 2019, pelas 15 horas – TMG – Guarda), além da participação dos conferencistas **Miguel Real** e **Filomena Oliveira**, que dissertarão sobre a parceria empreendida

¹ Página disponível em www.labcom-ifp.ubi.pt/ciclodehomenagemMiguelReal/

² Publicação do primeiro romance intitulado *O Outro e o Mesmo*.

³ Página da exposição disponível em www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcoloquio/

no campo da redação de textos dramáticos originais ou na adaptação de romances de autores relevantes no âmbito da Cultura Portuguesa, teremos oportunidade de assistir à performance da peça de teatro *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (da autoria de José Saramago e adaptação dramática de Miguel Real e Filomena Oliveira).



Ciclo de Homenagem
EXPOSIÇÃO / COLÓQUIO / TEATRO
EXPOSIÇÃO

MIGUEL REAL

4 out. a 6 dez. 2019
40 anos de Vida Literária
Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço – Guarda

4 de out. 2019 | SEXTA-FEIRA

Colóquio Miguel Real - 40 anos de escrita: ensaio, ficção, &tc.
Sala de Tempo e Poesia da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço – Guarda

15:00 – Sessão de Abertura:

Presidente da Câmara Municipal da Guarda, **Carlos Monteiro**
Representantes da Comissão Organizadora do Evento, **Annabela Rita** (UL, CLEPUL, ALLC) e **Alexandre António da Costa Luis** (UBI, PRAXIS, ALLC) "Miguel Real e a UBI"
Ensaista/Escritor Homenageado, **Miguel Real**

Painel: Ensaio e Ficção

Moderadores: **Ídalina Sidoncha** (UBI) e **João Morgado** (escritor)

15:30 – **José Carlos Seabra Pereira** (Universidade de Coimbra)
"Título a confirmar"

16:00 – **Annabela Rita** (FL da Universidade de Lisboa, CLEPUL, ALLC, APE, REF, OLP, SHP)
"Miguel Real: o verbo imaginante"

16:30 – **Carla Sofia Gomes Xavier Luis** (UBI, PRAXIS, ALLC, OLP)
"Traços Fundamentais da Lusofonia na obra ensaística e ficcional de Miguel Real"

16:50 – **Urbano Sidoncha** (UBI, Praxi) e **Ídalina Sidoncha** (UBI, Praxi)
"É a identidade o lugar natural da cultura? Um debate a partir de Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa de Miguel Real"

17:10 – **Renato Epifânio** (Centro de Filosofia da FL de Lisboa, Presidente do Movimento Internacional Lusófono e diretor da revista *Nova Águia*)
"Miguel Real e o Ideal de Lusofonia"

17:30 – Espaço de Debate com a participação de Miguel Real

17:45 – Mensagens de Homenagem a Miguel Real (Vídeos)

18:20 – Inauguração da Exposição

18:45 – Sessão de Autógrafos (Ponto de Venda de Livros – *A Mar Arte* – Paula Ribeiro - Leya)

Mais informações sobre a exposição dedicada a Miguel Real BMEL
Disponíveis em: <http://labcom-ifp.ubi.pt/ciclodehomenagemMiguelReal/>

Página oficial do Colóquio Internacional Miguel Real:
Literatura, Filosofia e Cultura (7 e 8 de novembro de 2018)
<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcolquio>

6 de nov. 2019 | QUARTA-FEIRA

Colóquio Miguel Real - 40 anos de escrita: a (re)criação dramática
Teatro Municipal da Guarda

15:00 – Exibição da Peça de Teatro *O Ano da Morte de Ricardo Reis* autoria de José Saramago, adaptação dramática de Filomena Oliveira e Miguel Real (Éter - Produção Cultural)

17:00 – "...à Conversa com Filomena Oliveira e Miguel Real"

6 de dez. 2019 | SEXTA-FEIRA

Colóquio Miguel Real - 40 anos de escrita: o romance histórico no século XXI

Sala de Tempo e Poesia da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço – Guarda

15:00 – Sessão de Abertura:

Presidente da Câmara Municipal da Guarda, **Carlos Monteiro**
Representantes da Comissão Organizadora do Evento, **Alexandre Luis** (UBI) e **Carla Sofia Luis**

15:30 – Mesa Redonda – com a participação de Miguel Real e moderação de João Morgado

Álvaro Manuel Machado (Universidade de Lisboa)

Nuno Júdice (Escritor/Ensaísta)

Daniel Henri-Pégeaux (Sorbonne, Paris)

António José Borges (CLEPUL, Revista Nova Águia)

Gabriel Magalhães (UBI/Escritor)

João Morgado (Escritor)

Lúcia Maria Soeiro Marinho Antunes Paolinelli (Universidade da Madeira)

17:30 – Espaço de Debate com a participação de Miguel Real

17:45 – Mensagens de Homenagem a Miguel Real (Vídeos)

18:20 – Encerramento da Exposição

18:45 – Sessão de Autógrafos (Ponto de Venda de Livros – *A Mar Arte* – Paula Ribeiro - Leya)



CONVITE



MIGUEL REAL

40 anos de vida literária
2019

O Presidente da Câmara Municipal da Guarda, Carlos Chaves Monteiro, convida V. Ex^a para a inauguração da Exposição *Miguel Real - 40 anos de vida literária* e para o Colóquio *Miguel Real - 40 anos de escrita: ensaio, ficção* a ter lugar na Sala Tempo e Poesia da Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço pelas 14h30 do dia 4 de outubro.

Organizações:



GUARDA CIDADE CANDIDATA A CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA 2027

GUIÃO DA EXPOSIÇÃO

Painel 1

O Homem

Luís Martins, identidade civil do pseudónimo literário **Miguel Real**, nasceu em Lisboa, a 1 de março de 1953, sendo Sintrense por adoção. É casado com Filomena Oliveira, pai de dois filhos e avô de dois netos. É formado em Filosofia pela Universidade de Lisboa, especialista em cultura portuguesa, investigador do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas da Universidade de Lisboa, além de professor de Filosofia (aposentado), colaborador assíduo do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, há vinte anos, e um dos diretores da *Revista Letras Com Vida*.



Miguel Real quando criança



Filomena Oliveira



Filomena Oliveira e Miguel Real



Filhos de Miguel Real:
Inês Martins e David Martins



Buenos Aires vista a partir do Uruguai



Os quatro Anjos



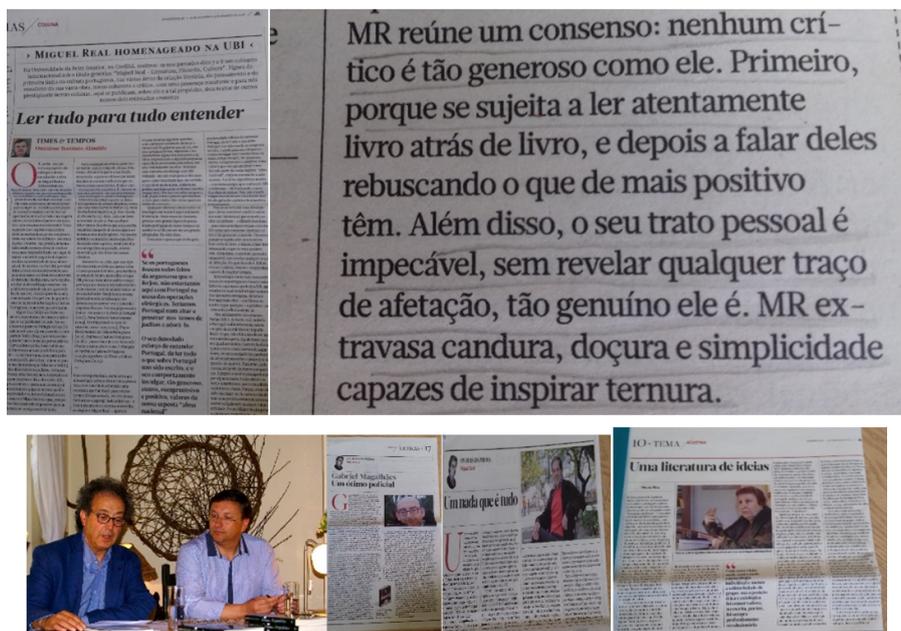
MR com alguns alunos



Em Goa, explicando o V Império

O Humanista

“Sério Cultor das Letras, convicto Humanista, figura tão bondosa quanto erudita”. Todos são unânimes em afirmar que este enorme vulto da cultura portuguesa, do ponto de vista pessoal, é um ser humano absolutamente ímpar, irrepreensível. Extremamente humilde, de uma generosidade e afabilidade para com todos absolutamente incedível, Miguel Real tem vindo, desde sempre, a acarinhar diversos autores. Além disso, tem um leque de sociabilidades de avultada dimensão, reunindo, na sua base de dados de amizades, incontáveis nomes de diversas proveniências, idades, sexos, credos, ideias políticas, religiosas, culturais, que, entre outros aspetos, atestam a profunda tolerância e respeito pelo próximo.



Painel 2

A Obra

O dealbar da sua atividade de ensaísta e de escritor que, de resto, espelha um profundo conhecimento e cruzamento da História, da Cultura, da Literatura, da Filosofia, da Política, das Mentalidades, emana, desde logo, do estudo apurado que realizava no âmbito do exercício da atividade de docente de Filosofia e de Psicologia que exerceu durante vários anos. “Assumindo, com igual mestria, as roupagens de ensaísta, romancista, crítico literário, conferencista, professor, dramaturgo (neste campo, em parceria com Filomena Oliveira), consubstanciadas nos cerca de 60 títulos da sua autoria, além das inúmeras obras nas quais participou em coautoria ou na qualidade de prefaciador, organizador, coordenador, entrevistador, entrevistado, colaborador (capítulo de livro, artigo, recensão, etc.), Miguel Real é indubitavelmente uma das personalidades mais estimulantes do atual panorama cultural português”⁴.

A sua produção escrita materializa-se, como o próprio nos ensina, em três dimensões, a saber: filosofia, a “ficção dominada pelas ideias e controlada por uma sintaxe lógica, rigorosa ou criativa”, de onde destacamos ensaios relacionados com a ética, ficção, a “filosofia vestida de carne, de emoções, de sentimentos”, materializada em jeito de romance histórico e de teatro e investigação, mormente focada nas características fundamentais do pensamento e da cultura portuguesas, com ligações naturais às culturas lusófonas. Seja qual for a modalidade em desenvoltura, ensaio de investigação, ensaio reflexivo, narrativa ficcional, romance histórico, a escrita de Miguel Real, espelhando invariavelmente as realidades cultural, social e histórica, é rigorosa, profundamente fundamentada, coerente e conciliadora”.

⁴ LUÍ, Carla Sofia Gomes Xavier (2018), in “A Lusofonia na obra ensaística e ficcional de Miguel Real”, *Cadernos de Resumos do Colóquio Internacional Luso-Brasileiro* Promovido por CCEQ & CLEPUL, Lisboa, 19-24 de novembro de 2018.

Painel 3

Ensaio

Filosofia

No campo do ensaio reflexivo destaca-se, desde logo, *O Pensamento Português Contemporâneo. O Labirinto da Razão e a Fome de Deus. 1890 – 2010* (2011), obra que apresenta uma nova perspetiva da história da filosofia em Portugal. Além deste precioso volume, importa salientar a afamada coleção “Novas Teorias de...”, que procura pensar de raiz conceitos como: Mal, Felicidade, Sebastianismo, Pecado. Concretizando, na trilogia que dedica à *Ética*, podemos, *lato sensu*, encontrar as seguintes ideias: o Mal como valor absoluto, real, não metafísico nem teodiceico, *Nova Teoria do Mal* (2012), a felicidade como valor superior da ética, *Nova Teoria da Felicidade* (2013), o pecado, o medo e a culpa como os sustentáculos da civilização ocidental, a *Nova Teoria do Pecado* (2017).

Há ainda que mencionar neste apartado as reflexões produzidas sobre a história e a teoria do corpo em *Manifesto em Defesa de uma Morte Livre* (2015), a religião em *O Futuro da Religião* (2014), bem como a situação histórica e política de Portugal, com grande enfoque nos valores sociais e na problemática ética vertidos em *Portugal – Um país parado no meio do caminho – 2000 – 2015* (2015).



Entrevista a Miguel Real “Uma teoria sobre a Felicidade”

www.revistaprogridir.com/miguel-real.html



Apresentação da obra: *Manifesto em Defesa de uma Morte Livre*

Painel 4

Ensaio

Cultura Portuguesa

Desde *Portugal – Ser e Representação* (1998, Prémio Revelação Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores, publicado ainda com o seu nome civil) até *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017), Miguel Real tem vindo a rastrear as características fundamentais da história do pensamento e da cultura portuguesas, traçando um itinerário inquiridor da identidade histórica de Portugal através da análise da obra de alguns dos seus relevantes protagonistas, tais como *Marquês de Pombal* (2005); *Eça de Queirós* (2006); *Agostinho da Silva* (2007); *Eduardo Lourenço* (2008 – Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa de Críticos Literários); *Padre António Vieira* (2008); *Matias Aires* (2008); *José Enes* (2009).

Há ainda que destacar *Comentário a Mensagem de Fernando Pessoa* (2013); *Sebastianismo* (2014), *O Teatro na Cultura Portuguesa do Século XX* (2017, em parceria com Filomena Oliveira), bem como *A Morte de Portugal*.

João Seabra Botelho concretamente na *Revista de Filosofia Portuguesa Leonardo*, acerca d' *A Morte de Portugal* de Miguel Real, profere a frase lapidar que, de seguida, transcrevemos:

“com a sua visão exterior e sintetizante, com a enorme densidade de autores que não só menciona, como diagnostica e situa no fluxo dos acontecimentos históricos, este livro poderá ser, para a futura população universitária estudiosa da Cultura Portuguesa o que a Estação do Entroncamento era para o caminho-de-ferro Português. Todos terão de passar por lá! E, naturalmente, quantos mais lá forem passando, mais passarão”⁵.



Apresentação da obra *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, UBI, 5 de abril de 2018

⁵ BOTELHO, João Seabra (2008), “A Morte de Portugal, de Miguel Real”, *Leonardo, Revista de Filosofia Portuguesa*. 1-5 pp. www.ofilosofo.com/mortedeportugal-mreal.htm [consultada a 18-06-2015].

Painel 5

Ficção

No âmbito da produção ficcional, destacam-se o Teatro e o Romance.

Teatro

No campo da narrativa ficcional, tem vindo, sempre em parceria com Filomena Oliveira, a escrever textos dramaturgicos originais ou a realizar adaptações de romances de autores relevantes no âmbito da Cultura Portuguesa. De entre uma panóplia de diversas peças consagradas, da autoria de ambos, destacam-se *Uma Família Portuguesa* (2008), Grande Prémio de Teatro Sociedade Portuguesa de Autores/Teatro Aberto; *Vieira – O Céu na Terra*, representado em Portugal, no Brasil e na Guiné-Bissau; *Europa, Europa* (2016), representado no mesmo ano pela companhia de teatro Éter na Quinta da Riba Fria, um palácio renascentista em Sintra, e *As Máscaras de Pessoa* (2018), sobre o labirinto mental da heteronomia pessoana. No que concerne à adaptação dramaturgica, destacam-se os romances de José Saramago, *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, representadas pela Éter, por exemplo, no Convento de Mafra e na Fundação José Saramago, bem como *Os Maias*, de Eça de Queirós.



Painel 6

Ficção

Romance

Desde a sua primeira, e logo galardoada obra, dada à estampa em 1979⁶, *O Outro e o Mesmo*, ainda com o nome civil, até aos seus mais recentes romances publicados, *Cadáveres às Costas* (2018) e o mais recente dedicado a *Saramago* (2019), portanto em 40 anos, até à data, de apurado labor literário, Miguel Real tem vindo a edificar uma vastíssima obra que passa por *Memórias de Branca Dias* (a primeira judia no Pernambuco/Brasil, 2003), *A Voz da Terra* (sobre o Terramoto de 1755, com personagens brasileiros, 2005), *O Último Negreiro* (sobre Francisco Félix de Sousa, o

⁶ Acabou de ser imprimido em abril de 1980.

último grande negreiro de Ajudá no Dahomé/Benim, 2006), *O Sal da Terra* (a vida de Pe. António Vieira, 2008) e *A Guerra dos Mascates* (a guerra entre Olinda e o Recife em 1710, 2011), *O Feitiço da Índia* (2012) e *A Cidade do Fim* (2013). A paixão pela cultura brasileira, muito marcante entre 2001 e 2010, prolongou-se ainda na escrita de dois álbuns. *O Atlântico. A Viagem e os Escravos* (2005), versando em torno do fluxo dos escravos africanos para o Brasil, apresenta desenhos de Adriana Molder e fotografias de Noé Sendas e *As Missões. Bandeirantes, Jesuítas e Guaranis* (2009) conta com imagens de Graça Morais.

Publicou ainda outros romances, de onde se destacam *O Último Minuto na Vida de S.* (2007), cuja bela, não obstante, trágica história de amor entre Snu e Sá-Carneiro, contrariando códigos políticos e sociais, serve de mote para Miguel Real radiografar a realidade portuguesa entre as décadas de 60 e 70, e *O Último Europeu* (2015), uma utopia/distopia projetada para 2284, que constitui uma homenagem a Thomas More, um dos melhores representantes das ideologias humanistas que surgiram no século XVI. Em 2016, escreveu a quatro mãos, com Manuel da Silva Ramos, a novela *O Deputado da Nação*. Em 2017, publicou *Cadáveres às Costas*, romance sobre a atualidade de Portugal, visto sob a perspectiva de um jovem. Finalmente, *A Visão de Tândalo por Eça de Queirós* (2009, Prémio Ler/Círculo de Leitores), que partilha a revelação de um manuscrito inédito deste autor, é considerada pelo próprio escritor o seu melhor romance.



Painel 7

Colaborações: *Jornal de Letras, Artes e Ideias* e *Letras Com Vida, Literatura, Cultura e Arte* (FL – UL – CLEPUL)

Entre muitas outras Revistas de renome (*Nova Águia*) e projetos (Projeto António Telmo. Vida e Obra) às quais oferece o seu saber, é colaborador, há 20 anos, do *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, sob a direção de José Carlos de Vasconcelos. Nele tem vindo a desenhar a atual cartografia do romance português, acarinhando mormente, mas não só, a geração de escritores que só este século começaram a escrever. Esta análise apurada à evolução do romance português, muito atenta à irrupção de uma novíssima geração no campo da ficção, é também vertida na obra *Romance Português Contemporâneo – 1950 – 2010* (2011), ensaio que rapidamente se tornou uma obra de referência e de consulta obrigatória na atual historiografia literária.

Faz igualmente parte da Direção da *Revista Letras Com Vida, Literatura, Cultura e Arte*, principal periódico da unidade de investigação Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL) que acolhe estudos sobre as literaturas e culturas de língua portuguesa, revelando o diálogo destas com as europeias e mundiais.

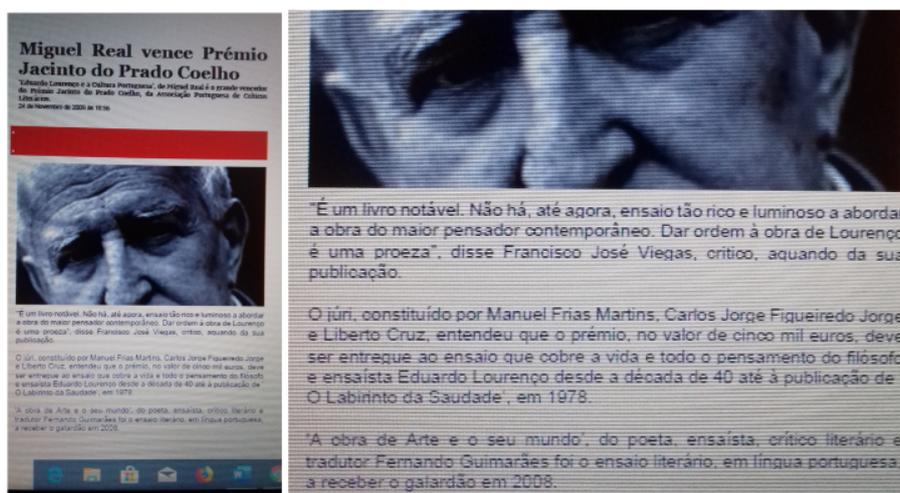


Painel 8

Reconhecimento Público

Alguns Prémios

Recebeu as seguintes distinções: Prémio Revelação Ficção da Associação Portuguesa de Escritores; Prémio revelação de Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores; Prémio Fernando Namora de Literatura; Prémio Ficção Ler/Círculo de Leitores; Prémio Ficção da Sociedade Portuguesa de Autores, Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa de Críticos Literários e, em conjunto com Filomena Oliveira, o Grande Prémio de Teatro do Teatro Aberto e Sociedade Portuguesa de Autores.



“É uma obra incontornável na ensaística portuguesa”, sublinhou Maria do Rosário Pedreira, da editora responsável pela publicação da obra *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa*, de Miguel Real, que venceu o Prémio Jacinto do Prado Coelho, da Associação Portuguesa de Críticos Literários.



Entrega do prémio Círculo de Leitores pela obra *Visão de Tândalo* por Eça de Queirós



Prémio de crítica literária atribuído a Miguel Real
www.jornaldesintra.com/2009/12/sintra Lisboa-2/

Vida Pública

Longe de ser um escritor de gabinete, entre muitas outras vivências e aparições públicas, correspondendo às constantes solicitações e convites efetuados, Miguel Real vindo a participar em incontáveis feiras e lançamentos de livros, bem como em Eventos Científicos (nacionais e internacionais), sobre os mais diversificados temas, debates, entrevistas, programas de rádio, televisão, etc.



25 de abril de 2019

Casino Estoril

Miguel Real, Pedro Martins, Renato Epifânio, Rodrigo Sobral



Miguel Real Festival Literário de Fátima / Miguel Real na universidade europeia / MESA DO FUTURISMO - Novembro de 2017



Museu Maçónico / Feira do livro de Lisboa com Viegas / Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço



Apresentação do livro *A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro*



Miguel Real com alguns amigos



Miguel Real com alguns amigos

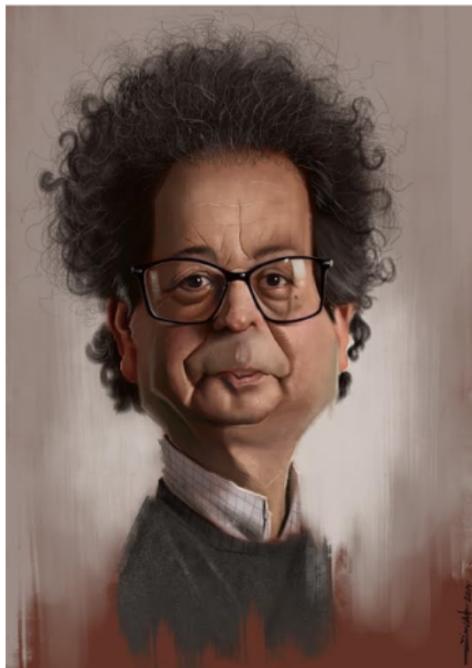
Caricaturas de Miguel Real



Jaxier Blas



Jaxier Blas



Rui Duarte

Painel 9

Ciclo de Homenagem



Colóquio Miguel Real

www.labcom-ifp.ubi.pt

<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ciclodchomnagemMiguelReal/>

Ciclo de Homenagem a Miguel Real

<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcoloquio/>



Colóquio Miguel Real - labcom-ifp.ubi.pt

Miguel Real (Ensaísta/Escritor homenageado, CLEPUL)
Oradores confirmados. Agripina Carriço Vieira (Universidade de Lisboa) Aldinida Medeiros (Universidade Estadual da Paraíba) Alexandre António da Costa Luís (Universidade da Beira Interior, [LabCom.IFP](http://www.labcom-ifp.ubi.pt)) Álvaro Manuel Machado (Professor Catedrático jubilado da Universidade Nova de Lisboa) André Barata (Universidade da Beira Interior ...
www.labcom-ifp.ubi.pt

Quatro décadas dedicadas à reflexão intensa, à redação de obras de elevada qualidade científica e estética, eternizadas num contributo inestimável para a História da Cultura, da Literatura, da Filosofia, da Lusofonia, são assinaladas no ciclo de homenagem que se iniciou com o **Colóquio Internacional – Miguel Real – Literatura, Filosofia, Cultura**⁷, havido na *Universidade da Beira Interior* (FAL- UBI, LabCom.IFP), Covilhã, nos dias 7 e 8 de novembro de 2018, ao qual se associaram várias instituições e iniciativas, de se destacam o **documentário** intitulado “idiossincrasias”, realizado por alunos da licenciatura em cinema da Faculdade de Artes e Letras da UBI, bem como a **performance da peça** *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, pelo **Grupo Éter e outras Artes**. Seguiu-se a conferência intitulada “O Mar e a Cultura Portuguesa”, Academia de Marinha, dia 11 de junho de 2019, à qual se juntará à sessão paralela do **V Congresso Internacional: Que Culturas (s) para o Século XXI?**⁸ (6, 7 e 8 de novembro de 2019, UBI), bem como o painel que lhe será consagrado nos **Congressos Internacionais Luso-Brasileiros – CILB (Lisboa, de 11 a 16 de novembro de 2019)**. A presente exposição dedicada a Miguel Real agora exibida na Biblioteca Municipal Eduardo Lourenço, Guarda, de outubro a dezembro de 2019, com três colóquios associados, constitui mais uma iniciativa afeta ao ciclo de homenagem em apreço. Finalmente, esta efeméride⁹ ficará registada para a posteridade quando, no ano letivo **2019-2020**, der à estampa um **volume** que integra o contributo de vários especialistas.

⁷ www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcoloquio/

⁸ www.5congressoculturas.ubi.pt/.

⁹ Disponível em www.labcom-ifp.ubi.pt/ciclodchomnagemMiguelReal/



Sessão de Abertura



Sessão de Encerramento



Painel 10

Miguel Real e Eduardo Lourenço

“Já este século, convivi, durante quatro anos, todos os dias úteis, na Biblioteca Nacional, em Lisboa, com a obra de Eduardo Lourenço. De quando em vez, esporadicamente, encontrava-me com ele. A minha admiração pelo filósofo da Guarda que conquistou a Europa e o Brasil era (e continua) imensa. Olhava para Eduardo Lourenço como o pensador que operara uma tripla revolução na cultura portuguesa: desmistificara, em 1960, a relação de continuidade entre *Orpheu* de Pessoa e *presença* de José Régio, desmistificara, em 1969, o racionalismo dogmático de António Sérgio e, finalmente, e mais importante, criara, em 1978, uma nova visão da identidade nacional (o famoso “irrealismo prodigioso”) em *O Labirinto da Saudade*. Para além disso (e já tanto era para um homem só), um livro seu foi meu companheiro 24 horas por dia: *A Noite Intacta* (2000), sobre Antero de Quental, porventura o mais belo ensaio que alguma vez li”. (Miguel Real)



COLABORADORES DOS TRÊS COLÓQUIOS

Procurando abarcar as várias dimensões da obra de Miguel Real, os três Colóquios (*Colóquio Miguel Real – 40 anos de escrita: ensaio, ficção, &tc.*, *Colóquio Miguel Real - 40 anos de escrita: a (re)criação dramatúrgica*, *Colóquio Miguel Real - 40 anos de escrita: o romance histórico no século XXI*) contam com a participação de diversos estudiosos e apreciadores da obra realiana, presencialmente ou através de depoimentos enviados.



José Carlos Seabra PEREIRA
Universidade de Coimbra – Portugal
Título a confirmar

Súmula Curricular: Doutor pelas Universidades de Poitiers (Doctorat du Troisième Cycle, 1983) e de Coimbra (2000), Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e da Universidade Católica Portuguesa, investiga e lecciona nas áreas de Teoria Literária e Literatura Portuguesa Moderna, de Estudos Camonianos e Estudos Pessoanos. Coordenador científico do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos e director da Casa da Escrita (Coimbra); membro do Conselho Geral da Universidade de Coimbra; foi Vice-Presidente da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa, membro do painel de avaliadores da F. C. T. para as candidaturas a bolsas de investigação para doutoramento e pós-doutoramento, consultor de vários projectos de investigação de Centros da F. C. T., Coordenador executivo do protocolo entre a Universidade de Coimbra e a Universidade Católica Portuguesa, membro eleito do Conselho Científico da Faculdade de Letras de Coimbra e da Comissão Científica do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da FLUC., membro da Comissão de Comemorações do Centenário da FLUC, etc. É membro da Comissão Científica de várias revistas de Estudos Literários (Pessoa Plural, Revisões, Brotéria, Mathesis. Estudos Aquilínianos, etc.). Membro do Conselho de Opinião da Rádio e Televisão de Portugal, do Conselho Executivo da Fundação Inês de Castro, do Conselho Editorial do grupo Babel, do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. Preside ao Conselho Coordenador da Rota dos Escritores do Século XX da Região Centro; dirigiu o C.A.D.C. (Centro Académico de Democracia Cristã, de Coimbra) e dirige ainda a sua revista Estudos. Foi membro da Comissão para o Estudo da Condição do Professor em Portugal, do Conselho de Acompanhamento da Reforma Curricular e da 7ª Comissão de Avaliação do Ensino Superior Privado, bem como do Conselho Cultural de Coimbra Capital Nacional da Cultura-2003. Integrou a Comitiva Cultural do Presidente da República na visita oficial ao Brasil em 2008. Preside ao júri do Prémio Inês de Castro; tem integrado os júris dos principais prémios literários de Portugal e da CPLP, nomeadamente do Prémio Camões, do Grande Prémio Leya, do Grande Prémio da Poesia, do Grande Prémio do Romance e da Novela, do Grande Prémio do Conto e do Grande Prémio de Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores, do Grande Prémio Millennium/ Círculo de Leitores, do Prémio Vergílio

Ferreira, do Prémio Eduardo Lourenço, do Prémio Trindade Coelho, do Prémio Afonso Duarte, do Prémio António Feijó, do Prémio Vítor Matos e Sá, etc. Obras principais: *Decadentismo e Simbolismo na Poesia Portuguesa* (Coimbra, CER, 1975); *Do Fim-de-Século ao Tempo de Orfeu* (Coimbra, Almedina, 1979); *Autour de la Thématique Politique et de L'Engagement dans la Littérature Portugaise* (Paris, Gulbenkian, 1982); *L'Action Littéraire et l'Oeuvre Poétique de João de Barros* (Poitiers, 1983); *Neo-Romantismo na Poesia Portuguesa* (Coimbra, 1999); vol.VII da *História Crítica da Literatura Portuguesa: Do Fim-De-Século ao Modernismo* (Lisboa, Editorial Verbo, 1995); *António Nobre: Projecto e Destino* (Porto, Edições Caixotim, 2000); *O Essencial sobre António Nobre* (Lisboa, I.N.-C.M., 2001); «Decadence and fin-de-siècle literature in Portugal», in *A Revisionary History of Portuguese Literature* (New York/London, Garland Publishing, 1999); vol. VI – *Do Simbolismo ao Modernismo – da História da Literatura Portuguesa* (Lisboa, Alfa, 2002); colecção de sínteses biobibliográficas *Para Conhecer... sobre Afonso Lopes Vieira, Aquilino Ribeiro, Miguel Torga, Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Vergílio Ferreira e Eugénio de Andrade* (Coimbra, CCRDC, 2003); *Meio Século de Literatura Portuguesa- 1880- 1930* (Lisboa, Instituto Camões/ e-learning, 2009); *O tempo republicano da literatura portuguesa* (Lisboa, 2010), *Aquilino - a escrita vital* (Lisboa, 2014), *O Delta Literário de Macau* (2015). Tem também publicado estudos monográficos, edições críticas ou para-críticas de Obras de Gomes Leal, Raul Brandão, Alberto d'Oliveira, Manuel Laranjeira, Trindade Coelho, Florbela Espanca, etc.), estudos introdutórios a obras de vários autores (v.g. Mário Beirão, Américo Durão, Alberto Osório de Castro, Augusto Casimiro, José Valle de Figueiredo, Vitorino Nemésio, Gomes Leal, Camilo Pessanha e Augusto Gil) e muitos ensaios críticos, sobretudo na área da literatura portuguesa finissecular, neo-romântica e modernista. Tem ainda regido seminários, proferido conferências e apresentado numerosas comunicações a reuniões científicas em Portugal e no estrangeiro (v.g. na Universidade de Santa Barbara/Califórnia; nas Universidades brasileiras do Rio de Janeiro e de São Paulo, de Salvador da Bahia e de Porto Alegre, de João Pessoa e de São Luís do Maranhão; nas Universidades alemãs de Hamburg e Freiburg, de Göttingen, Kiel e Marburg; nas Universidades francesas de Paris-Sorbonne e de Poitiers, de Rennes e de Bordeaux; na Universidade Complutense de Madrid e na Universidade de Salamanca; nas Universidades italianas de Bergamo, Bari e Roma; no King's College de Londres e na Universidade de Leeds, etc.). Tem colaborado abundantemente em enciclopédias e dicionários literários (Verbo, Polis, Biblos, etc.), bem como no jornalismo cultural (*Diário de Notícias*, de Lisboa, *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, *Estado de São Paulo*, do Brasil, *Jornal de Letras, Artes e Ideias/JL*, de Lisboa, *O Tripeiro*, do Porto, etc.), em revistas especializadas (*Colóquio/Letras*, *Revista Brasileira de Língua e Literatura Portuguesa*, *Prelo*, *Nova Renascença*, *Humanitas*, *Mathésis*, *Ave Azul*, etc.) e em revistas de cultura (*Brotéria*, *Estudos*, *Via Latina*, *Rua Larga*, etc.). Com sua mulher, presidiu ao CPM Portugal e à *Fédération Internationale des Centres de Préparation au Mariage*. É Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Coimbra.



Annabela RITA

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, CLEPUL

Título: “Miguel Real: o Verbo *imagine*”

Súmula Curricular: Doutorada em Literatura Portuguesa e com Agregação em Literatura, que trabalha na sua relação com as outras artes, é Professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professora/Investigadora Visitante de diversas universidades (Brasil, Espanha, Itália, Varsóvia), é Presidente da Academia Lusófona Luís de Camões, do Instituto Fernando Pessoa – Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas (da SHIP) e da Assembleia Geral da COMPARES (International Society for Iberian-Slavonic Studies), Vice-Presidente do Conselho Científico do Instituto Europeu de Ciências da Cultura – Padre Manuel Antunes, Coordenadora do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), integra as Direções da Associação Portuguesa de Escritores, do Observatório da Língua Portuguesa e da Sociedade Histórica da Independência de Portugal, a Comissão Científica Internacional da Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (CIDH), os Conselhos Científicos e Consultivos de diversas instituições, plataformas interinstitucionais (Letras Com(n)Vida, CILEC – Congreso Internacional de Literatura Española Contemporánea) e de Edições de Obras (Obra Completa do Padre António Vieira, Obra Completa Pombalina, Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa, etc.), tendo sido membro fundador de algumas. Algumas Distinções: Diploma de Mérito Cultural atribuído pela Academia Brasileira de Filologia e pela Faculdade CCAA, do Rio de Janeiro, em 17 de setembro de 2007; Medalha Municipal de Mérito – Grau Ouro atribuída por unanimidade pela Câmara Municipal de Oeiras em 7 de junho de 2010; Medalha de Mérito Cultural do CLEPUL (Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias), Lisboa, 16 de julho de 2012; Embaixadora da Meeting Industry e da Economia do Conhecimento, “excelente e digna representante na sua área profissional” em Portugal, “Membro do Clube de Embaixadores de Cascais e da Costa do Estoril”. Cerimónia do II Encontro do CECE. Costa do Estoril, 22 de fevereiro de 2013; Membro Honorário do Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora (CEMD) “por reconhecidos méritos académicos e grande contributo para o estudo e divulgação das literaturas e culturas lusófonas”. Centro Cultural de Cascais, 1 de julho de 2016; Certificado de Mérito da World Communication Association pela relevância do seu trabalho e pelo significativo contributo para a WCA. Atribuição: agosto/2015. Entrega em fevereiro/2017; Membro Correspondente do Instituto Balearde la Historia por “su seria y profesional trayectoria, así como su excelso CV”. Ilhas Baleares, 30/6/2017. Com direção, coordenação e/ou consultoria de várias coleções, revistas (Anpoll (Universidade de S.ta Catarina/Florianópolis), Anuário de Literatura (Universidade de S.ta Catarina/Florianópolis), Études Romanes de Brno (Universidade Masaryk de Brno), Graphos (Universidade de S.ta Catarina/Florianópolis), Letras Com(n)Vida, Nova Águia – Revista de Cultura para o Século XXI, Telheiras– Cadernos Culturais, etc.), Congressos Científicos (inter)nacionais, online (LUSOSOFIA), secção no Wall Street International, edição de autores e de obras, participação em júris de prémios literários nacionais e internacionais. Obras principais: Luz e Sombras no Cãnone (2014), Focais Literárias (2012); Paisagem & Figuras (2011); Cartografias Literárias (2010; S. Paulo, 2012); Itinerário (2009); No Fundo dos Espelhos (2 vols., 2003-07), Emergências Estéticas

(2006); Breves & Longas no País das Maravilhas (2004); Labirinto Sensível (2003); Eça de Queirós Cronista (1998). Últimas obras coordenadas: Fabricar a Inovação. O Processo Criativo em Questão nas Ciências, nas Artes e nas Letras e Entre Molduras (2017), A Metamorfose nas Artes, nas Letras e nas Ciências (2016), Do Ultimato à(s) República(s) (2012).



Alexandre António da Costa Luís

UBI/LabCom.IFP

Título: “Miguel Real e a UBI”

Súmula Curricular: É licenciado em História (com média de 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios Curricular Feijó e Latim Medieval Geraldês Freire. Obteve os graus de Mestre em História Moderna (Muito Bom, por unanimidade) e de Doutor em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade), igualmente na Universidade de Coimbra. É Professor na Universidade da Beira Interior, onde já desempenhou as funções de Vice-Presidente da Faculdade de Artes e Letras, de Diretor do Mestrado em Estudos Ibéricos, de Coordenador de Mobilidade do MEI, bem como de Membro do Conselho Científico da FAL, do Conselho da Faculdade e de um elevado número de Comissões Científicas de Cursos (atualmente, continua a integrar as Comissões Científicas dos Mestrados em Ciência Política e em Estudos de Cultura). É Investigador no LabCom.IFP da Universidade da Beira Interior e no Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra. É Académico Correspondente da Classe de História Marítima da Academia de Marinha e Sócio da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Também é Membro da Comissão Científica da Revista Egitania Scientia, (International Scientific Indexing – ISI) Instituto Politécnico da Guarda, do Conselho Científico da Revista TRIPLOV de Artes, Religiões e Ciências, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Comissão Científica da revista Cadernos Culturais, Centro Cultural Eça de Queirós (CCEQ), das Comissões Científicas das revistas Licungo e Milandos da Diáspora, do Conselho Editorial da Revista Lusófona de Estudos Culturais, Universidade do Minho, do Conselho Editorial da Revista ...à Beira, do Conselho Editorial da UBILETRAS, da Comissão Interinstitucional da Academia Lusófona Luís de Camões (ALLC), da Comissão Interinstitucional do Instituto Fernando Pessoa (IFP) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia (AICL). Tem participado, apresentando comunicação ou integrando Comissões Científicas, em numerosos eventos nacionais e internacionais. A sua lista de publicações é composta por livros, capítulos de livros, artigos, resenhas e catálogos.



Carla Sofia Gomes Xavier LUÍS

UBI/LabCom.IFP

Título: “Traços Fundamentais da Lusofonia na obra ensaística e ficcional de Miguel Real”

Súmula Curricular: Nasceu em Lamego em 1977. É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela UTAD, mestre em Língua, Cultura Portuguesa e Didática pela UBI e doutora em Letras pela mesma instituição. É Professora no Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior e Investigadora no LabCom.IFP (UBI). Na UBI, é também membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras, do Conselho Científico do Departamento de Letras, da Comissão de Curso de Ciências da Cultura, bem como Coordenadora de Mobilidade do DL, tendo ainda desempenhado a função de Coordenadora do Centro de Avaliação de Português-Língua Estrangeira. Além disso, é Membro da Comissão Científica da Revista Egitania Sciencia, Instituto Politécnico da Guarda, do Conselho Científico da Revista TRIPLOV de Artes, Religiões e Ciências, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Comissão Científica da Revista Cadernos Culturais, Centro Cultural Eça de Queirós (CCEQ), da Comissão Científica das Revistas Licungo e Milandos da Diáspora, da Comissão Interinstitucional da Academia Lusófona Luís de Camões (ALLC), da Comissão Interinstitucional do Instituto Fernando Pessoa (IFP), do Conselho de Pareceristas da Revista do Centro de Estudos Portugueses da Universidade de Minas Gerais (Brasil), do Conselho Editorial da Revista ...à Beira, do Conselho Editorial da UBILETRAS e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Tem participado, apresentando comunicação ou integrando Comissões Científicas, em variadíssimos eventos nacionais e internacionais. A sua lista de publicações é composta por livros, capítulos de livros, artigos, resenhas e entrevistas, de entre os quais destacamos primeiramente os que realizou em torno da Obra de Miguel Real: “Miguel Real e o seu retrato de Portugal: de onde vimos, o que somos e para onde vamos”, in Urbano Sidoncha e Catarina Moura (org.), Culturas em Movimento, Livro de Atas do I Congresso Internacional Sobre Cultura, Covilhã, LabCom.IFP (Comunicação, Filosofia e Humanidades), 2016, pp. 187-208; “Língua Portuguesa e Lusofonia em Miguel Real”, in Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório (org.), A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro, Lisboa, Edições Colibri e Universidade da Beira Interior, com o apoio da Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras, Universidade de Toronto, Instituto Politécnico de Macau, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, 2016, pp. 47-82; “Para uma Leitura de Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa de Miguel Real”, in Imperativo, 12-04-2018, 18 pp., disponível, www.imperativoonline.pt/2018/04/12/para-uma-leiturade-tracos-fundamentais-da-cultura-portuguesa-de-miguel-real/, bem como na página do COLÓQUIO INTERNACIONAL – MIGUEL REAL – Literatura, Filosofia, Cultura (7 e 8 de novembro de 2018), www.labcom-ifp.ubi.pt/miguelrealcolouio/ ou www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcolouio/; “Para uma Leitura de Cadáveres às Costas, de Miguel Real”, in Triplo V, 19-04-2018, disponível em <http://triplov.com/para-uma-leitura-de-cadaveres-as-costas-de-miguel-real/>, “Retratos dos Judeus na Obra ensaística e ficcional de Miguel Real”, em vias de publicação.



Idalina SIDONCHA
UBI/LabCom.IFP

Título: “É a identidade o lugar natural da cultura? Um debate a partir de *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* de Miguel Real”

Súmula Curricular: Nasceu na Covilhã em 1977. É licenciada e mestre em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutorada em História da Filosofia e da Cultura Portuguesa pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Atualmente, é investigadora do LabCom.IFP e professora auxiliar convidada no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade da Beira Interior. Leciona unidades curriculares afetas a várias áreas científicas e em diferentes graus de ensino e tem dedicado a sua investigação aos temas da Estética, Filosofia da Arte, Filosofia do Conhecimento e Epistemologia das Ciências da Cultura. É autora do livro *O Problema do Conhecimento em Francisco Sanches*, editado em julho de 2013 pela Imprensa Nacional- Casa da Moeda.



Urbano SIDONCHA
UBI/LabCom.IFP

Título: “É a identidade o lugar natural da cultura? Um debate a partir de *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* de Miguel Real”

Súmula Curricular: É licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutorado em Filosofia Contemporânea pela mesma Universidade. Professor auxiliar da Faculdade de Artes e Letras da UBI, foi o primeiro Diretor do Curso de Ciências da Cultura da UBI, cargo que exerceu entre 2013 e 2015, e Diretor do Curso de Filosofia entre 2009 a 2016. É atualmente Diretor do Mestrado em Estudos de Cultura. Investigador integrado do LabCom.IFP, é autor de diversos trabalhos científicos publicados em revistas nacionais e estrangeiras. É autor do livro *Do Empírico ao Transcendental – A Consciência e o Problema Mente/Corpo entre o Materialismo Reducionista e a Fenomenologia de Husserl*, FCG/FCT, 2011 e editor do *Metamorfoses da Cultura*, Nova Vega, 2017.



Renato EPIFÂNIO

Presidente do MIL e diretor da revista *Nova Águia*

Título: “Miguel Real e o ideal de Lusofonia”

Súmula Curricular: Professor Universitário; Membro do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, da Direcção do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, da Sociedade da Língua Portuguesa e da Associação Agostinho da Silva; investigador na área da “Filosofia em Portugal”, com dezenas de estudos publicados, desenvolveu um projecto de pós-doutoramento sobre o pensamento de Agostinho da Silva, com o apoio da FCT: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, para além de ser responsável pelo Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa: www.bibliografiafilosofica.webnode.com; Licenciatura e Mestrado em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; doutorou-se, na mesma Faculdade, no dia 14 de Dezembro de 2004, com a dissertação Fundamentos e Firmamentos do pensamento português contemporâneo: uma perspectiva a partir da visão de José Marinho; autor das obras *Visões de Agostinho da Silva* (2006), *Repertório da Bibliografia Filosófica Portuguesa* (2007), *Perspectivas sobre Agostinho da Silva* (2008), *Via aberta: de Marinho a Pessoa, da Finisterra ao Oriente* (2009), *A Via Lusófona: um novo horizonte para Portugal* (2010), *Convergência Lusófona* (2012/ 2014/ 2016), *A Via Lusófona II* (2015) e *A Via Lusófona III* (2017). Dirige a *NOVA ÁGUIA: Revista de Cultura para o Século XXI* e a Colecção de livros com o mesmo nome (*Zéfiro*). Preside ao MIL: Movimento Internacional Lusófono desde a sua formalização jurídica (2010).



Filomena OLIVEIRA

Éter – Produção Cultural

Título: “... à conversa com Filomena Oliveira e Miguel Real”

Súmula Curricular: Coautora com Miguel Real dos textos originais e adaptações dramáticas de vários espetáculos entre os quais *Memorial do Convento*, de José Saramago, em cena no Palácio Nacional de Mafra desde 2007 e na Fundação José Saramago desde 2011, *Camões e Pessoa* (Jerónimos, 2012) e *Os Maias*, Centro Cultural Olga Cadaval, Sintra, 2010.



Álvaro Manuel MACHADO
Professor Catedrático Jubilado
MESA REDONDA

Súmula Curricular: Nasceu a 4 de Maio de 1940, no Porto. É Professor Catedrático jubilado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Doutorado com “Doctorat d’État” em Literatura Comparada pela Sorbonne (Paris III), em 1985, tendo sido aprovado com Distinção e Louvor (“Très honorable avec Félicitations”), por unanimidade. Tese intitulada: *Les romantismes au Portugal-Modèles étrangers et orientations nationales*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986. – Dirigiu os Seminários de Mestrado em Literatura Comparada no Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (1985-2010). – Foi director do Instituto de Estudos Românicos Comparados (IERC), que fundou em 1987 na Universidade Nova de Lisboa. – Foi maître assistant associé na Sorbonne (Paris III e Paris IV) e leitor do ex-ICALP na Universidade de Rouen de 1974 a 1976. Professor auxiliar e professor associado convidado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa de 1976 a 1982. Professor catedrático convidado na Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões (UAL) de 1988 a 1998, tendo aí dirigido o Departamento de Línguas e Literaturas Modernas. –Dirigiu um curso de Literatura Portuguesa (tema: “Formação e evolução do Romantismo em Portugal, do pré-romantismo à Geração de 70”), como Professor Convidado, na Universidade de Salamanca (Departamento de Estudos Portugueses) no ano lectivo de 1992-93. – Ministrou um curso breve para alunos de licenciatura em Literatura Portuguesa na Universidade de Roma La Sapienza, patrocinado pelo Instituto Camões, em Maio de 1995. – Orientou numerosas teses de Mestrado e de Doutoramento na Universidade Nova de Lisboa e em co-orientação com professores das Universidades de Sorbonne (Paris III), Salamanca, Santiago de Compostela e USP (Universidade de São Paulo – Brasil). – Integrou vários júris de Mestrado e de Doutoramento em universidades portuguesas e estrangeiras, bem como júris de equivalências, de provas de Agregação e de concursos públicos para Professores Associados e Catedráticos. – Participou com comunicações em inúmeros colóquios e congressos nacionais e internacionais, além de proferir conferências integradas em cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento, destacando-se congressos internacionais realizados e conferências proferidas nas Universidades de Sorbonne (Paris III e Paris IV), Bordéus, Nice, Montpellier, Londres (King’s College), Oxford, Bristol, Colónia, Heidelberg, Aachen, Freiburg (Alemanha), Montréal e Toronto (Canadá), Massachusetts (Estados Unidos da América), Roma (La Sapienza e Roma III), Perugia, Salerno, Barcelona, Salamanca, Santiago de Compostela, Rio de Janeiro, São Paulo (USP), Bahia (UFBA), Brasília, UFMinas Gerais (Belo Horizonte), Porto Alegre (Brasil), Antilhas (Martinica), Las Palmas, Ilhas Baleares (Palma de Maiorca). – É autor de variadíssimas obras de ensaio, crítica e investigação científica.



Nuno JÚDICE

Ensaísta / Poeta / Ficcionista / Professor Universitário
MESA REDONDA

Súmula Curricular: Licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa e obteve o grau de Doutor pela Universidade Nova, onde é Professor Catedrático, apresentando, em 1989, uma dissertação sobre Literatura Medieval. Conselheiro Cultural da Embaixada de Portugal e Director do Instituto Camões em Paris, publicou antologias, edições de crítica literária, estudos sobre Teoria da Literatura e Literatura Portuguesa e mantém uma colaboração regular na imprensa. Divulgador da literatura portuguesa do século XX, lançou, em 1993, *Voyage dans uns siècle de Littérature Portugaise*. Organizou a Semana Europeia da Poesia, no âmbito da Lisboa '94 - Capital Europeia da Cultura. Poeta e ficcionista, a sua estreia literária deu-se com *A Noção de Poema* (1972). Em 1985 receberia o Prémio Pen Clube, o Prémio D. Dinis da Casa de Mateus, em 1990. Em 1994 a Associação Portuguesa de Escritores, distinguiu-o pela publicação de *Meditação sobre Ruínas*, finalista do Prémio Europeu de Literatura Aristeion. Assinou ainda obras para teatro e traduziu autores como Corneille e Emily Dickinson. Foi Director da revista literária *Tabacaria*, editada pela Casa Fernando Pessoa e Comissário para a área da Literatura da representação portuguesa à 49ª Feira do Livro de Frankfurt. Tem obras traduzidas em Espanha, Itália, Venezuela, Inglaterra e França.



Daniel HENRI-PAGEAUX

Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3
MESA REDONDA

Súmula Curricular: Professeur émérite de Littérature générale et comparée à la Sorbonne Nouvelle/ Paris III où il a enseigné de 1975 à 2007. Hispaniste et lusitaniste de formation, il s'est tourné vers les littératures francophones d'Afrique noire, des Amériques et de l'Océan indien. Il est co-directeur de la Revue de Littérature comparée, membre correspondant de l'Académie des sciences de Lisbonne et docteur honoris causa de l'Université de Enna/Sicile. Il a publié à ce jour une trentaine d'ouvrages (essais, manuels, éditions critiques). Dans le domaine portugais et lusophone, il a publié des études sur la Génération de 70, Eça de Queiros, Antero de Quental, Aquilino Ribeiro, le mouvement Presença, Pessoa, Miguel Torga, Vitorino Nemésio, Agustina Bessa Luis, David Mourão-Ferreira, Maria Ondina Braga, Mário Dionísio, Mário Cláudio et la peintre Graça Morais, ainsi que sur Jorge Amado, João Guimarães Rosa, Baltasar Lopes et Luan-

dino Vieira. Il a publié en collaboration avec Alvaro Manuel Machado Da literatura comparada à teoria da literatura (ed. Presença, 2001). Il a également publié, sous le pseudonyme de Michel Hendrel, deux romans (Le sablier retourné et Le système décimal, éd. Belfond, 1989 et 1992) et sous celui de León Moreno, un roman en espagnol (Como fiel amante o la invención del Lazarillo, Madrid, éd. Turpin, 2012). Dernières publications : Itinéraires comparatistes, (Paris, éd. Maisonneuve, 2014, 2 vol.) ; Lectures indiaocéanes. Essais sur les francophonies de l’Océan Indien (Paris, éd. Maisonneuve, 2016) et Azorín (1873-1967) Sur les chemins de l’écriture (Paris, éd. l’Harmattan, coll. « Classiques pour demain », 2017). Doctor honoris.



António José BORGES
CLEPUL, Revista Nova Águia
MESA REDONDA

Súmula Curricular: Licenciado em Ensino de Português e Alemão, Mestre em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas e Doutorando em Estudos Portugueses, tem lecionado no ensino público e privado e é investigador no CLEPUL da Universidade de Lisboa, onde coordena ciclos de conferências e dirige o “Dossier Escritor” da revista Letras Com Vida. Lecionou Literatura Portuguesa Contemporânea e Teoria da Literatura na Universidade Nacional Timor Lorosa’e. Integra o Conselho de Direção da Revista “Nova Águia”. Foi cronista permanente na revista Tribuna Douro e contista no jornal timorense Semanário e tem colaborado em revistas nacionais e estrangeiras, entre as quais: Navegações (Brasil); Espacio/Espaço Escrito – Revista de literatura en dos lenguas (Galiza); O Escritor (APE); Mealibra (Círculo Cultural do Alto Minho); Humanitas (Universidade de Coimbra); Douro – Estudos e Documentos (Faculdade de Letras da Universidade do Porto); Terra Feita Voz (Círculo Cultural Miguel Torga); Geia (Revista da Tertúlia de João de Araújo Correia); DiVersos; Letras Com Vida (CLEPUL), Revista de Letras (UTAD), Foro das Letras, Submarino (Univ. de Turim, Itália) e Ecos do Oriente, entre outras publicações de poesia e conto em antologias portuguesas, de crónica em Goa e ensaio em Itália e no Brasil. Além do Português, está publicado em Tétum, Inglês e Italiano. Foi Membro do Júri do Prémio de Literatura (modalidade de ficção) Cidade de Almada (2010) e do Prémio de Poesia do Festival de Literatura e Filosofia de Fátima: Tábula Rasa (2015 e 2017). É autor dos livros: Timor – As Rugas da beleza (crónicas, 2006); de olhos lavados / ho matan moos (poesia – edição bilingue, com tradução para Tétum de Abé Barreto Soares, e ilustrações de Piera Zurchter, 2009); José Saramago – da Cegueira à Lucidez (ensaio, com prefácio de Miguel Real, 2010), Fármaco (poesia, 2012) e Agulhas de Águia (poesia, 2016).



Gabriel MAGALHÃES

**UBI/Escritor/ Centro de Estudos Comparativistas da UL
MESA REDONDA**

Súmula Curricular: Luanda, 1965. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portugueses e Espanhóis, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Doutorou-se na Universidade da Salamanca, em Espanha, com uma tese intitulada Garrett e Rivas: O Romantismo em Espanha e Portugal (publicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 2009). Foi professor na Universidade de Salamanca e é docente da Universidade da Beira Interior, onde exerceu os cargos de Diretor da Licenciatura em Estudos Portugueses e Espanhóis e da Licenciatura em Ciências da Cultura. Tem publicado obras de investigação e ensaios sobre temas ibéricos: Los secretos de Portugal (RBA, 2012), Como Sobreviver a Portugal Continuando a Ser Português (Planeta, 2014) e Los españoles (Elba, 2016). Promoveu também projetos de investigação nesta área, nomeadamente o projeto “Relações Linguísticas e Literárias entre Portugal e Espanha desde os Inícios do Século XIX até à Atualidade” (RELIPES). Com o romance Não Tenhas Medo do Escuro (Difel, 2009), recebeu o Prémio de Revelação da Associação Portuguesa de Escritores. Outras obras romanescas: Planície de Espelhos (Difel, 2010), Madrugada na Tua Alma (Alêtheia, 2011), Restaurante Canibal (Alêtheia, 2014) e Os Crimes Inocentes (2018). Ensaios de espiritualidade cristã: Espelho Meu (Paulinas, 2013), O Mapa do Tesouro (Paulinas, 2015) e Ser a casa (2018), publicado em catalão, em Barcelona, pela Fundació Joan Maragall. Recebeu em 2018 o prémio Bisbe Joan Carrera, na categoria de Diálogo Fé e Cultura. Livros seus foram traduzidos para catalão, espanhol e italiano. Colabora no jornal La Vanguardia, de Barcelona. Publicou crónicas também no Jornal do Fundão.



João MORGADO

Escritor

MESA REDONDA

Súmula Curricular: Nasceu em 1965, em Aldeia do Carvalho, Covilhã. Poeta e romancista, é formado em Comunicação pela Universidade da Beira Interior e tem um mestrado em Estudos Europeus na Universidade de Salamanca, Espanha, e uma pós-graduação em Marketing Político pela Universidade Independente/Universidade de Madrid. Trabalhou como jornalista e, para além da imprensa regional, escreveu no diário “Público” e semanário “Sol”. Actualmente, é consul-

tor de comunicação nos meios empresariais e políticos. Assumiu o cargo de Chefe de Gabinete do Presidente da Câmara de Belmonte. Na literatura, afirmou-se com dois romances: *Diário dos Infiéis*, 2010, e *Diário dos Imperfeitos*, 2012. Estas duas obras foram posteriormente adaptadas ao teatro pela ASTA – Associação de Teatro e outras Artes. Lançou recentemente a obra *Vera Cruz* sobre a vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral. É coordenador do Festival Literário de Belmonte – Diáspora. Recebeu os seguintes prémios: Prémio Nacional de Literatura Lions 2015, Prémio de Poesia Manuel Neto dos Santos 2015, Prémio Literário Fundação Dr. Luís Rainha Correntes d’Escritas 2015, Prémio Literário Alçada Baptista 2014, 2.º Prémio Concurso Literário Dr. João Isabel, 2013, Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012. Livros escritos por João Morgado – Romance: ‘*Vera Cruz*’, Biografia de Pedro Álvares Cabral, Clube do Autor, 2015; ‘*Diário dos Imperfeitos*’ (Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012), Editora: Kreamus – 2012; ‘*Diários Infiéis*’, Editora Oficina do Livro (Leya) – 2010. Contos: ‘*O Pássaro dos Segredos*’, Conto Ilustrado, Editora Kreamus, 2014; ‘*Meio-Rico*’ – Contos, Editora Kreamus – 2011; ‘*Falstaffe o Vinho de Roda*’ – Conto, In: *Contos com Vinho da Madeira*, Edição Instituto do Vinho da Madeira (Colectânea) – 2009. Poesia: ‘*Para Ti*’, Editora Kreamus, 2014. Colectâneas de Poesia: ‘*Poesia Arte*’, Edições Oz, 2015; ‘*Marginália*’, Ed. Edita-me, 2015; ‘*Água de Doze Rios*’, Ed. Coisas de Ler, 2012; ‘*Colectânea de Poesia Contemporânea da Beira Interior*’, Coordenador e Co-autor, Editora: Kreamus – 2000. Fotografia: ‘*Covilhã e a Estrela*’, Coautor (Texto) Fernando Chaves (Fotografia), Editora Kreamus – 2001. Estudo: ‘*Covilhã e a Imprensa – Memórias de um século: 1864/1964*’, Editora, Associação Nacional de Imprensa Diária e Não Diária – 1998.



Luísa Maria Soeiro Marinho Antunes PAOLINELLI
Universidade da Madeira, CLEPUL
MESA REDONDA

Súmula Curricular: Luísa Marinho Antunes Paolinelli é Professora Auxiliar no Centro de Competências de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, academia na qual é docente desde 1994. Fez o Mestrado em Literatura Portuguesa (Faculdade de Letras, UL, 1995) e o doutoramento em Literatura Comparada – Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira (UMadeira, 2004). Leciona nas áreas da Literatura Portuguesa e Brasileira, Estudos Literários e Estudos Interculturais (programas de segundo ciclo-mestrado). Publicou *O Romance Histórico e José de Alencar – Contribuição para os Estudos Lusófonos* (2009) e *Cinco Sentidos Mais 2 – Sobre os Livros* (2013), contribuindo de forma assídua com artigos, ensaios e capítulos de livros no domínio da Literatura Comparada. Faz parte da Comissão Científica de revistas como *Kamen’ – Rivista di Poesia e Filosofia* (Itália) e *Revista Confluências Culturais* (Univille, Brasil). No campo da tradução, é responsável pela tradução de textos científicos e literários, como *La Machina Lirica – Herberto Helder* (Edizione del Leone, 2006), e pela edição e introdução crítica de autores de língua portuguesa para a revista *Kamen’*. É Conselheira Correspondente da Fondazione Nazionale Carlo Collodi (IT), membro da Comissão Científica do Centro Studi Sirio Giannini (IT) e coordenadora do projeto internacional “Estudos do Humor – Perspetiva Multidisciplinar e Multicultural”.

MENSAGENS DE HOMENAGEM A MIGUEL REAL



Marco Americo LUCCHESI
Presidente da Academia Brasileira de Letras

Súmula Curricular: Sétimo ocupante da cadeira nº 15, eleito em 3 de março de 2011, na sucessão de Pe. Fernando Bastos de Ávila, foi recebido em 20 de maio de 2011 pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. Foi eleito Presidente da ABL para o exercício de 2018. Nasceu em 9 de dezembro de 1963, no Rio de Janeiro. Filho de Elena Dati e Egidio Lucchesi. A partir de oito anos de idade mora em Niterói, matriculando-se no colégio Salesianos de Santa Rosa. Estudou piano até os vinte anos com a professora Carmela Musmano e canto com o professor Domenico Silvestro. Poeta, romancista, memorialista, ensaísta, tradutor e editor, em sua ampla produção, contemplada por diversos prêmios, destacam-se: *Sphera*, *Meridiano Celeste e Bestiário* e *Clio* (poesia); *O Dom do Crime* e *O Bibliotecário do Imperador* (romances); *Saudades do Paraíso* e *Os Olhos do Deserto* (memória); *A Memória de Ulisses* e *O Carteiro Imaterial* (ensaios). Traduziu diversos autores, dentre os quais, publicados em livro, dois romances de Umberto Eco, a *Ciência Nova*, de Vico, os poemas do romance *Doutor Jivago*, obras de Guillevic, Primo Levi, Rumi, Hölderlin, Khliebnikov, Trakl, Juan de la Cruz, Francisco Quevedo, Angelus Silesius. E graças ao amplo conhecimento de mais de vinte idiomas, criou inclusive uma língua artificial denominada “laputar”. Professor titular de Literatura Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Formou-se em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e recebeu os títulos de Mestre e Doutor em Ciência da Literatura, pela UFRJ, e de Pós-Doutor em Filosofia da Renascença pela Universidade de Colônia, na Alemanha. É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Foi professor-visitante da Fiocruz, das universidades de Roma II, Tor Vergata, de Craiova, na Romênia, de Concepción no Chile. Em 2016, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Tibiscus, de Timisoara. Seus livros foram traduzidos para o árabe, romeno, italiano, inglês, francês, alemão, espanhol, persa, russo, turco, polonês, hindí, sueco, húngaro, urdu, bangla e latim. Deu palestras pelo Brasil e em diversas universidades no mundo: Sorbonne-Paris III, Orientale di Napoli, Universidade de Salamanca, La Sapienza (Roma), Universidade Jagelônica de Cracóvia, Universidade de Colônia, PUC de Santiago, Universidade da Malásia, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Buenos Aires, Universidade de Los Andes (Mérida, Venezuela), Tuffs (Tóquio), Universidade Islâmica de Delhi, além de um sem-número de seminários, feiras de livro e encontros literários, na Bolívia, Paraguai, Sérvia, México, Peru, Colômbia, Itália, Suécia, Líbano, Arábia Saudita, Índia e Oman. Foi editor das revistas *Poesia Sempre*, *Tempo Brasileiro* (de 2007 a 2015 – vol. 171 a 203) e *Mosaico Italiano* (de 2005 a 2008 – ed. 21 a 52). Entre 2012 e 2017 foi diretor da fase VIII da *Revista Brasileira* da ABL, tendo coordenado a publicação dos números 70 a 93. É membro do conselho da Editora da UFRJ (2016-2020), assim como de várias revistas científicas e literárias no Brasil, na América Latina e na Europa. Tem sido consultor e preparou originais para as editoras, Record, Nova Fronteira, Nova Aguilar, José Olympio, Civilização Brasileira e Bem-Te-Vi. Notabilizou-se

também dentro do setor de Coordenação Geral de Pesquisa e Editoração da Biblioteca Nacional, responsável pela edição de catálogos e fac-símiles no período entre 2006 e 2011. É membro do Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura (2015-2017). Editor das coleções “Espelho do Mundo” e “Memórias do Futuro”, pela editora Rocco. Para além de sua atividade artística, sobretudo na poesia e na ficção, sua pesquisa se baseia numa atitude multidisciplinar, que abrange a filosofia, a literatura, a música, a filosofia da matemática, a teologia, a astronomia e as artes em geral. Foi colunista mensal em O Globo de 2010 a 2018, e colaborou também para outros importantes jornais; foi dramaturgista em montagens teatrais cariocas; organizou seminários para o Centro Cultural Banco do Brasil e a Funiarte, além ter feito a curadoria de exposições da Biblioteca Nacional, como as que celebraram os cem anos da morte de dois escritores brasileiros: “Machado de Assis, cem anos de uma cartografia inacabada”(2008), e “Uma poética do espaço brasileiro”, sobre Euclides da Cunha (2009). Em 2010, foi o responsável pela grande exposição do bicentenário daquela Casa: “Biblioteca Nacional 200 anos: uma defesa do infinito” e em 2015 dos festejos dos 450 anos do Rio com a exposição: “Rio de Janeiro 450 anos, uma História do Futuro”. Desde 2014 é responsável pelo programa *Música de Câmara* na Academia Brasileira de Letras. Notória a sua atuação em defesa dos direitos humanos, como sua constante presença em comunidades e prisões cariocas, mediante projetos literários e educativos. Por conta das atividades que desenvolve, em 2017 foi homenageado com o nome de duas bibliotecas: a biblioteca da Escola Estadual Profa. Sonia Maria e a biblioteca da Escola Estadual Angenor de Oliveira Cartola, ambas no Complexo Penitenciário de Bangu 4, Rio de Janeiro. Em 2018 recebeu também em reconhecimento o nome da biblioteca do Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói, Rio de Janeiro, onde foi aluno no Ensino Médio. Pertence a diversas instituições, dentre as quais se destacam a Academia das Ciências de Lisboa (sócio correspondente); Accademia Lucchese di Scienze, Lettere e Arti (sócio correspondente); Academia Paraguaya de la Lengua Española (sócio correspondente); Sociedade Brasileira de Geografia; Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente; Movimento Humanos Direitos; Pen Clube do Brasil; Academia Fluminense de Letras; Academia Norte-Riograndense de Letras (sócio correspondente); Academia Espírito-santense de Letras; Academia de Letras de Aracaju (sócio correspondente); Academia Niteroiense de Letras; Instituto Histórico e Geográfico de Niterói; Cenáculo de História e Letras de Niterói. Além de exercer a presidência da ABL na gestão 2018, é também Presidente da Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente.

Mensagem (transcrição de vídeo enviado)

Quero-me associar aos 40 de vida literária do Escritor Miguel Real. Miguel Real tem um amplo leque de interesses, todos eles marcados por uma perspectiva literária e filosófica; não é “e”, mas é um “hífen”, em que a literatura e a filosofia não são inimigas, mas compartilham de um mesmo argumento, de um mesmo espaço, agônico, muitas vezes, de complementação de fricção, mas não estão indiferentes umas às outras. O Miguel começa numa reflexão muito importante sobre o pensamento de Eduardo Lourenço e tudo aquilo que Eduardo Lourenço trouxe como renovação do Pensamento Português e da História de Portugal. Por isso mesmo, também vemos, e isso me agrada muitíssimo na obra de Miguel Real, uma intimidade com a obra de Padre António Vieira. Padre António Vieira é sempre uma luz absolutamente fascinante que explica muito de uma ideia de futuro, não apenas pela história do futuro, mas por uma ideia de diálogo totalmente extraordinária sobre múltiplos aspetos. E essa grande máquina de pensamento, que também está presente na obra de Saramago, também é revisitada por Miguel Real. Portanto, uma das linhas de aproximação que muito me interessa na obra de Miguel Real, é justamente esse aprofundamento Ibérico, essa consciência profundamente ligada a um território, mas sem desterritorializar, sem muito menos buscar um exílio que não existe. Miguel Real é também íntimo de Descartes de

Leibniz. Em poucas palavras: o que vejo na obra de Miguel Real, nas suas peças, e seus romances utópicos e distópicos, aquela ideia de uma Europa fascinante, complexa e aterradora ao mesmo tempo, o que eu vejo, de facto, na obra é um convite para o diálogo franco, aberto, profundo, de uma erudição, de um lastro muito importante que não se deixa senão atravessar por uma luz, a luz da criatividade, a luz de um rearranjo sintático que dá à sua obra não apenas o peso da erudição, mas o leve peso de uma luz que conclama filologia e filosofia, literatura e pensamento. E é por isso que eu também, de novo, mais uma vez, com os colegas de Portugal, e não apenas, me associo aos 40 anos de uma vida intensa dedicada ao pensamento de Miguel Real. Parabéns!



Onésimo Teotónio D'ALMEIDA
Diretor do Departamento de Estudos Portugueses e
Brasileiro da Brown University, em Providence, Rhode Island

Súmula Curricular: Professor Catedrático no Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros, no Wayland Collegium for Liberal Learning e Renaissance and Early Modern Studies Program da Universidade de Brown (EUA). Doutoramento em Filosofia pela mesma universidade, co-dirige as revistas e-Journal of Portuguese History e Pessoa Plural. Os seus mais recentes livros são O Século dos Prodígios. A ciência no Portugal da Expansão (Quetzal, 2018), A Obsessão da Portugalidade (Quetzal, 2017), Despenteando Parágrafos (Quetzal, 2015) e Pessoa, Portugal e o Futuro (Gradiva, 2014). É membro da Academia da Marinha, da Academia Internacional de Cultura Portuguesa e da Academia das Ciências. É doutor Honoris Causa pela Universidade de Aveiro.

Mensagem (transcrição de vídeo enviado)

Os Romanos diziam de um escritor latino Varrão que “lera tanto que não se sabia como é que tinha tido tempo para escrever e que escrevera tanto que não se sabia como é que ele tinha tido tempo para ler”. Eu tenho dito isto várias vezes sobre o Miguel Real, sobre a imensa obra, é que ele lê mais do que ninguém e escreve mais do que ninguém, pelos menos que eu conheça. Ele tem uma enorme paixão nas suas leituras que é entender Portugal. Ele olha para o passado de Portugal e procura entender o que é que fizemos de bom e quais foram as escolhas erradas. E a ideia dele é, a preocupação dele é voltar para o futuro e apontar aquilo que deve ser preservado do nosso passado, interpretarmos o passado, e aquilo que deve ser eliminado. Mas há algo mais na figura de Miguel Real: é que se o nome dele, Miguel Real, é um pseudónimo, não é Real, a pessoa dele é bem Real! Ele encarna na sua praxis a figura do Português Ideal que ele aponta. É uma coisa que não é normal; muita gente escreve e a vida das pessoas não corresponde àquilo que dizem. Há uma simbiose extraordinária entre aquilo que ele aponta e aquilo que ele é. E é por isso que o Miguel Real tem uma quantidade enorme de admiradores que o leem, procuram aprender com ele, procuram imitá-lo e é por isso mesmo que o estimo muito. Eu sou simplesmente um deles!



Carlos FIOLHAIS

Universidade de Coimbra, Diretor do Rómulo CCVUC

Súmula Curricular: Nasceu em Lisboa em 1956. Licenciou-se em Física na Universidade de Coimbra em 1978 e doutorou-se em Física Teórica em Frankfurt/Main, Alemanha, em 1982. É Professor Catedrático no Departamento de Física da Universidade de Coimbra desde 2000. Foi professor nos Estados Unidos e no Brasil. É autor de 140 artigos científicos em revistas internacionais (um dos quais com mais de 10000 citações, o artigo mais citado com um autor numa instituição nacional) e de mais de 450 artigos pedagógicos e de divulgação. Publicou 42 livros, entre os quais os best sellers "*Física Divertida*", "*Nova Física Divertida*", "*Breve História da Ciência em Portugal*", e os mais recentes "*Darwin aos Tiros e outras Histórias de Ciência*" e "*Pipocas com Telemóvel e outras Histórias de Falsa Ciência*" (os dois últimos com David Marçal), na Gradiva; "*Ciência em Portugal*", ensaio na Fundação Francisco Manuel dos Santos; série de livros de ciência infantil "*Ciência a Brincar*", na Bizâncio (em co-autoria); numerosos manuais escolares na Texto Editores (em co-autoria); manual universitário "*Fundamentos de Termodinâmica do Equilíbrio*", na Gulbenkian (em co-autoria); etc. Os dois primeiros tiveram edições internacionais na Espanha, Itália e Brasil, assim como alguns livros da série "*Ciência a Brincar*". Foi ainda autor de 18 capítulos de livros e de 24 prefácios, editor de 5 livros científicos em edição internacional e tradutor de 8. Os seus interesses científicos centram-se na Física Computacional da Matéria Condensada e na História das Ciências. Foi fundador e director do Centro de Física Computacional da Universidade de Coimbra, onde procedeu à instalação do maior computador português para cálculo científico. Tem coordenado vários projectos de investigação e supervisionado vários estudantes de mestrado e doutoramento. Participou em numerosas conferências e colóquios promovendo a ciência e a cultura científica. Criou e dirige o "Rómulo - Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra". Dirigiu a revista "Gazeta de Física" da Sociedade Portuguesa de Física e é membro de comissões das revistas de Física internacionais (presidiu em 2011 ao Conselho Científico do "*European Physics Journal*"). Foi Director do Centro de Informática da Universidade de Coimbra - CIUC, Presidente do Conselho de Investigação do Instituto Interdisciplinar da Universidade de Coimbra - III, membro do Conselho Científico da Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT e é membro dos corpos gerentes do Forum Internacional dos Investigadores Portugueses - FIIP. É colaborador regular dos jornais "*Público*", "*Sol*", "*As Artes entre as Letras*" e "*Jornal de Letras*". Foi consultor dos programas "*Megaciência*" e "*ABCiência*" para a SIC e RTP e do Museu de Ciência da Universidade de Coimbra. Foi Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (que tem a marca de "Património Europeu"), onde concretizou vários projectos relativos ao livro e à cultura, e do Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade de Coimbra - SIBUC, onde criou os repositórios digitais "*Estudo Geral*" e "*Almamater*". É co-fundador da empresa "*Coimbra Genomics*". É corresponsável pelo blogue "*De Rerum Natura*". Ganhou vários prémios e distinções: em 1994 o Prémio União Latina de tradução científica, em 2005 o Globo de Ouro de Mérito e Excelência em Ciência atribuído pela SIC; em 2005 a Ordem do Infante D. Henrique; e em 2006 os Prémios Inovação do Forum III Milénio e Rómulo de Carvalho da Universidade de Évora; e em 2012 o prémio BBVA para o melhor artigo pedagógico na

área da Física no espaço ibero-americano. É o responsável pelos programas de "*Educação*" e de "*Ciência e Inovação*" da Fundação Francisco Manuel dos Santos¹⁰.

Mensagem (transcrição de vídeo enviado)

O Escritor Miguel Real, que agora celebra 40 anos de vida literária, tem uma obra longa, vasta e diversificada. Ele, além de romancista, dramaturgo, crítico literário, com presença no Jornal de Letras, desde há muitos anos, tem uma faceta que eu gostaria sobretudo de destacar; que é a de, vamos chamar-lhe assim, ser um pensador sobre Portugal. Ele é das pessoas que entre nós melhor conhece a Cultura Portuguesa e começou cedo a estudá-la, principalmente quando fez a sua tese sobre Eduardo Lourenço que é o Pensador do Século XX de Portugal. E, na senda de Eduardo Lourenço, Miguel Real escreveu, tem escrito e continua a escrever uma série de livros sobre esse complexo fenómeno que é Portugal. Eu tenho aqui três que gostaria de destacar: *Portugal Ser e Representação*, da Difel, que teve justamente o prémio revelação da Associação Portuguesa de Escritores (de 1995), um breve ensaio, mas que contém o essencial sobre, no fundo, o que é a Portugalidade. Depois, outros dois livros na mesma editora, Planeta; um, de certo modo, é a continuação do outro, *Introdução à Cultura Portuguesa*, com o prefácio de Guilherme de Oliveira Martins, e o outro, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Nestes livros aborda os grandes temas: a saudade, a decadência, os mitos, digamos, do nosso país, da nossa história mítica, os grandes autores, Camões, Padre António Vieira, Fernando Pessoa. Enfim, no fundo, as raízes da cultura portuguesa estão aqui condensadas nestes volumes, e noutros, porque estes três são apenas uma pequena amostra de um autor que eu muito estimo e que consegue, de um modo muito claro, refletir sobre aquilo que nós somos, de onde vimos; é importante para saber para onde vamos, e nos livros de Miguel Real nós percebemos melhor de onde vimos.



Isabel Ponce de LEÃO

Súmula Curricular: É licenciada em Filologia Românica pela Universidade de Coimbra (1977); fez o 3.º ciclo em Literatura Comparada na Faculdade de Filologia da Universidade de Santiago de Compostela (1993), onde também se doutorou em Literaturas Hispânicas (1996) (Doutoramento reconhecido pela Universidade de Coimbra). É professora Catedrática da Universidade Fernando Pessoa no Porto, onde desenvolve grande parte da sua investigação. É membro integrado do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), sendo coordenadora do Polo do Porto, sócia fundadora do Círculo Literário Agustina Bessa-Luís e vice-presidente da sua direcção, membro da Academia Lusófona Luís de Camões e do Instituto Fernando Pessoa. Como docente e investigadora tem colaborado com outras instituições de ensino superior, em Portugal, Brasil, e vários países Europeus. Coopera com várias Câmaras Municipais, particularmente com a do Porto, onde é Deputada Municipal e Presidente da Comissão de Toponímia. Faz parte do Conselho Editorial e / ou Científico de várias revistas, jornais e outras publicações e integra comissões científicas de colóquios, congressos e outros eventos realizados em Portugal e no estrangeiro. Ao

¹⁰ Informação disponível em: <http://nautilus.fis.uc.pt/personal/cfiolhais/>

momento, por convite nominal, é responsável pela área da Literatura do Grande Dicionário de Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa que se encontra em preparação. As suas áreas de investigação privilegiadas são a Literatura Portuguesa Contemporânea bem como as relações que esta estabelece com as artes plásticas, a 7.^a arte (interartes) e as ciências, e o jornalismo cultural. Nas suas publicações inscrevem-se cerca de 50 livros e mais de 300 artigos resultantes da investigação científica nas áreas acima referidas.

Mensagem

Ex corde

Miguel, sabes, já to referi, que sou uma leitora compulsiva da tua ficção. Sou-o porque, e alijo preconceitos, o estreito vínculo que estabeleces entre literatura e sociedade, na senda de Hauser, consagra o movimento dialéctico que as engloba num amplo sistema solidário de influências alternativas em que a reciprocidade é manifesta. Sabendo como te deves respeitar e às tuas condições de produção, não pospões o influxo dos valores sociais, ideológicos, históricos e comunicacionais; do mesmo modo, não desistes do eventual ledor e reputas as diversas enciclopédias culturais na relação obra-leitor-público que configuras numa arrumação alegórica de comunicação inter-humana, pressupondo um estável jogo entre essa tríade indissociável.

Na senda de Baktine, respeitas o auditório social onde os mundos interior e o reflexivo travam batalhas, por vezes sangrentas, para atingirem um fim. Pensas em eventuais alterações comportamentais e investes-te de um espírito de missão. Por isso, o caudal narrativo e o ritmo por vezes apoquentador e acirrado desnudam enigmas meramente implícitos. Ficção e realidade fundem-se e confundem-se na arquitectura da obra de arte que é, *eg*, *Cadáveres às Costas* (2018).

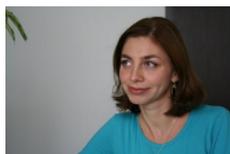
Mas eu não quero apenas referir-me à tua ficção e à forma como configuras fragilidades e virtuosismos do ser humano que perscrutas e optas, quase sempre, por personificar recorrendo a práticas intertextuais, sobretudo implícitas, e a figuras carismáticas do património português que irónica, metafórica, polifónica e satiricamente propagandeias sem nunca pospor a tua consabida validade estético-literário.

Não, hoje quero mais, quero a homenagem à tua corajosa, criteriosa e minuciosa competência de ensaísta cuja exegese, em atinência ao já referido ledor, moldas, simplificas e exploras sem banalizares. Pego em *Romance Português Contemporâneo* (2012) – sim eu sei que decorreram 7 anos sobre a sua publicação – onde consideras a cultura portuguesa “fundamento ontológico da literatura de origem nacional” e leio-te:

1. Ainda que autónoma esteticamente, nenhuma obra se basta a si própria, integrando-se de facto e de direito no húmus social e cultural donde proveio e de que é representação literária;
2. Nenhum autor se basta a si próprio, evidenciando-se como parte de um todo estético, iniciado na década de 50

Leio-te e vejo a tua coerência entre teoria e prática. Vejo-te um perspicaz humanista atento aos movimentos sociais que a arte – e não só a literatura – provoca, e aos movimentos artísticos que a sociedade requer. Tudo cristalino e transparente. O espelho reflecte a imagem para que, cautamente, reivindicas um olhar subjectivo e crítico, mas profundamente inclusivo. Não há mais nem menos. Há ou não há. Não quero a vulgaridade de tecer loas ao teu olhar para a cultura e a arte portuguesas nem ao teu saber fazer; defeitos tê-los-ás, pois são inerentes aos terráqueos; mas tenho e quero dizer que, através da tua produção ficcional e ensaística, há a reinvenção de um cânone profundamente humanista; quero também dizer da tua humildade, só aos grandes acessível e ainda do conciliábulo ética / estética que paradigmatisas; assim digo, enfim, de como é feito um grande escritor. *Ex corde!*

Isabel Ponce de Leão



Barbara Jursic LIUBLIANA
Universidade de Ljubljana – Eslovénia

Súmula Curricular: Nasceu a 20 de Junho de 1971, Liubliana, Eslovénia. É mestre em Literatura portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tradutora literária (traduziu Saramago, Lobo Antunes, Pessoa, Sá-Carneiro, Couto, M. Tavares, Sophia, Nuno Júdice, e outros), escreve artigos para revistas e jornais eslovenos e portugueses sobre autores lusófonos e eslovenos, cultura eslovena e portuguesa, temas actuais, faz programas para a Rádio e TV nacional, escreve textos críticos e prefácios para obras literárias, é intérprete (esloveno, português, francês e espanhol) e vice-presidente e responsável pelas relações internacionais da Associação eslovena de tradutores literários, membro do Comité organizativo para Liubliana, capital do livro mundial (2010-11), em 2005 foi condecorada com o Prémio Nacional de Melhor Tradutor Jovem.

Mensagem

Após longos sete anos de convívio, tenho a oportunidade de escrever este depoimento sobre o professor, ensaísta, escritor e, sobretudo, sobre o grande Homem que é Miguel Real. Foi no dia 5-10-2012, aquando dos Dias da lusofonia que tiveram lugar na Eslovénia, que conheci Miguel Real, acompanhado da sua esposa Filomena Oliveira, que fora convidado para proferir uma conferência sobre José Saramago.

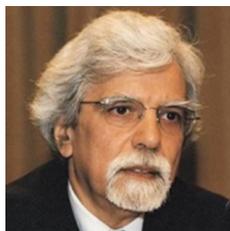
A minha paixão pela obra de Saramago já era muito viva naquela época e a conferência proferida por Miguel Real ainda veio avivá-la mais. Naquela altura, em que a literatura portuguesa ainda não era muito conhecida na Eslovénia, (agora podemos notar uma ligeira aproximação das nossas duas culturas) ele soube encantar o público com a essência não só do humanismo saramaguiano, mas também das características típicas da literatura portuguesa, e lusófona em geral, impregnada da alma portuguesa, tão melancólica, às vezes, hesitante e incerta como a nossa, a eslovena.

Mais tarde, depois de ler alguns dos livros da sua autoria, apercebi-me de que o retrato de Portugal que vem traçando, oscila entre o olhar lúcido e também satírico. É visível o seu profundo amor pelo homem português e por tudo o que representa.

Passaram mais alguns anos e eis que num jantar organizado pelo CLEPUL, para o qual fui convidada pela minha querida e inigualável Professora Annabela Rita, Miguel Real apareceu-me outra vez, como a d. Consolação do seu romance *Cadáveres às costas*, que foi visitada pela aparição da irmã Lúcia, mas, nesse caso, a miraculada e a admirada fui eu, porque me apareceu uma aparição real, Real sem dúvida alguma! Um conversador versátil apaixonante que sabe muito sobre mil coisas dos quatro cantos do globo. Cheio de humor, mas também de crítica, deixa transparecer na conversa e na sua escrita uma curiosidade viva pelo homem, uma esperança da liberdade como supremo direito humano. A esperança de um mundo e de um país (Portugal) com futuro. A esperança de um futuro coletivo, enquanto comunidade de pessoas que se sentem como tal, que se sentem verdadeiramente humanistas e é assim que o sentimos a ele, Miguel Real, como um ser profundamente humanista.

Ele é um observador atento e incrivelmente perspicaz desta nossa condição humana. Pintor de um retrato cru e triste de Portugal, do mundo, pintado magnificamente, mas, ao mesmo tempo, um espelho que nos espanta por ser tão... Real.

Ainda bem que “O passado demora uma eternidade a morrer.” E que é, às vezes, é possível torná-lo presente.



José Manuel MENDES
Presidente da Associação Portuguesa de Escritores

Súmula Curricular: Nasceu a 9 de Setembro de 1948 e licenciou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1978. Escritor e professor da Universidade do Minho, é detentor de um vasto currículo profissional. Desde 1992 é presidente da direcção da Associação Portuguesa de Escritores, tendo sido membro da Alta Autoridade para a Comunicação Social (01/06). Foi, também, presidente do Conselho de Opinião da RDP (95/01), co-fundador e dirigente da Associação Portuguesa de Escritores Juristas. Preside ao Conselho Fiscal da Associação de Amigos do Monde Diplomatique e é membro do Conselho Cultural e Geral da Fundação Carlos Loyd Braga. Conferencista e comentador é, ainda, membro do Conselho Directivo da Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva e director da Revista? O Escritor? desde o seu lançamento (1993). Pelo seu empenho e profissionalismo, foi condecorado por diversas vezes: Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (2006), Grande Oficial da Ordem do Mérito (1995), Medalha de Mérito Cultural (2004), Commandeur du Ouissan Alaoui (Marrocos 1990). Escritor aos 15 anos é detentor de várias publicações, prefácios e posfácios, tendo vindo a colaborar com numerosas revistas e jornais. Na rádio, foi co-autor de vários programas radiofónicos, tendo sido, ainda, comentador do programa? Choque Ideológico? da RTPN. Integrou, como membro do júri, várias iniciativas, sendo ainda o criador do? Programa Cultural? das últimas edições da Feira do Livro de Braga. Foi ainda professor do ensino secundário e deputado municipal e deputado à Assembleia da República. (“Galardões à nossa Terra”. Disponível em <http://galardoesanossaterra.direnor.pt/nomeados/edicao/14/716>, acessado a 16-10- 2018).

Mensagem

Miguel Real

Meus Amigos

Na impossibilidade de outra solução, torno-me presente através deste pombo-correio que as palavras também são.

Apraz-me a iniciativa de homenagear Miguel Real, num tempo próprio e segundo critério que se revela judicioso.

Ele é, pela obra construída ao longo dos anos, poligenérica e interferente, um Autor que nos implica – nas tramas ficcionais e na crítica de jornal, no ensaísmo como na reflexão histórica e filosófica, através da produção dramaturgica ou, em síntese e sobretudo, no modo de pensar-nos, entes frágeis num quotidiano de erosão e utopia, derrota e temeridade, medos e insubordinações. No modo de pensar-nos enquanto comunidade, povo, país, um país com nome de lonjura e devir.

Docente, figura pública a promover aberturas para a mediação cultural (sociopolítica e cultural, se preferirmos) que urge nas relações da cidadania com o Estado, burocrático e rebelde a questionamentos fundamentais, o Miguel, cujo molde afectivo apenas acentua a seriedade e o pe-

culiarismo de um labor infatigável, é alguém que, no espaço público, se bate contra a indiferença, a letargia e as liturgias mediáticas do vácuo, as ego-epifanias que conspiram, tanto como as práticas venais, os rios solidários. E fá-lo disponível para uma relação dialógica, até com os detractores obstinados. Quem os não tem?

Saúdo-o, pois. E abraço-o com apreço e amizade, desde longe querendo-me perto, na sessão que aí decorre.

Boa jornada a todos.

O meu obrigado.

José Manuel Mendes



Maria do Rosário PEDREIRA
Editora Leya

Súmula Curricular: nasceu em Lisboa, em 1959. Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Estudos Franceses e Ingleses, pela Universidade Clássica de Lisboa (1981). Possui ainda o curso de Língua e Cultura do Instituto Italiano de Cultura em Portugal, tendo sido bolsista do governo italiano e frequentado um curso de verão na Universidade de Perugia. Frequentou durante quatro anos o Goethe Institut, foi professora do Ensino Básico, fez algumas traduções, proferiu conferências, etc. Trabalhou como coordenadora dos serviços editoriais da Editora Gradiva. Foi directora de publicações da Sociedade Portugal-Frankfurt 97 e editora dos catálogos dos pavilhões oficiais temáticos da Expo-98, tal como redactora das publicações inerentes aos Festivais dos 100 Dias e Mergulho no Futuro, promovidos durante a Expo-98. É editora da "Temas e Debates"(grupo Bertelsmann) desde 1998. Como escritora, tem já publicados vários trabalhos de ficção, poesia, ensaio, crónicas e literatura juvenil, procurando neste último género a transmissão de valores humanos e culturais. O seu romance *Alguns Homens, Duas Mulheres e Eu* está construído em torno de uma identidade perdida, onde solidão e feminino são as peças fundamentais. Também o seu livro de poesia *A Casa e o Cheiro dos Livros* institui a casa como o lugar feminino que acumula esperas, o cheiro dos livros, os restos do amor, os gatos que aí se resguardam da chuva. Para a Autora – já distinguida com alguns prémios literários –, a casa pode ser considerada como um mundo onde se encerra tudo aquilo que vai perdurando, mesmo que sob a forma da memória, nostalgicamente. No início de Setembro de 2005, abandonou a Temas e Debates, cuja direcção editorial assegurou até essa data, para ser editora da QuidNovi. No início de 2010, assumiu funções no Grupo editorial Leya, onde, segundo foi anunciado, irá editar novos autores portugueses.

Mensagem

«Antes dos livros»

Como, num contexto desta natureza (um encontro mais académico), a maioria dos que são chamados a expressar a sua opinião falarão por certo da obra, e não do homem, prefiro dedicar-me à pessoa de Miguel Real, pois é nela sobretudo que, para mim, reside a excepcionalidade.

Tendo os artistas em geral, e os autores em particular, egos proverbiais, Miguel Real – e já lá vão muitos anos desde que nos conhecemos – foi sempre pessoa antes de ser escritor. Já premiado, chegou com a mesma timidez dos inexperientes, pronto para escutar em vez de querer dizer; e nunca se pôs em bicos de pés para nada, avisando logo que baixássemos as expectativas, porque nunca seria um grande escritor. Teve um contentamento bonito, de surpresa verdadeira, quando lhe disse que sim ao primeiro livro que me mandou, como se, honestamente, não soubesse o valor do que fizera. E, desde então, vem pé ante pé com cada novo livro, igualmente desconfiado do que fez – e estou a falar de um livro que chega depois de muitíssimos livros.

Sabe ouvir uma crítica, mesmo das difíceis, qualidade rara nos escritores, e por vezes até dá razão ao outro antes de este ter acabado de falar. Mas deixa a contra-argumentação para mais tarde, porque é ponderado e nunca se exalta nem precipita, o que ajuda muito na edição dos livros.

É também incrivelmente afectuoso com quem trabalha na editora e – o que é mais importante – em qualquer ponto da «linha de montagem». Quando lhe enviamos uma capa, por exemplo (e pode ser a capa de um ensaio toda de uma cor com letras brancas), para ele o vermelho que escolhemos é belíssimo, sabe a morango ou é feliz como uma rosa, e, portanto, é preciso transmitir os seus agradecimentos a quem teve a ideia. Todos partilhamos uns com os outros as suas mensagens elogiosas e simpáticas. Até porque o elogio parece ter caído em desuso e já não se fazem autores assim.

Tem ainda a rara virtude de nunca dizer mal de ninguém – e muito menos de outros escritores. E ou gosta de quase tudo o que lê, ou guarda sempre o pouco espaço que lhe dão no jornal para louvar, quiçá acreditando que não se deve esbanjar linhas com má-língua. E faz muito bem.

Por fim, tem uma maneira de aproveitar o tempo que eu invejo, porque lhe chega para tudo. No início, como entregava livros todos os anos – de ensaio ou ficção e às vezes das duas coisas –, perguntei à Filomena, sua mulher, se ele dormia bem (podiam ser insónias, sei lá). Ela respondeu que sim, umas oito horas por noite, mas explicou-me que ele não ia ao cinema, não via televisão, escrevia em toda a parte (incluindo o parque estacionamento do supermercado) e não se deixava afectar por coisas que roubam tempo (como as redes sociais), o que facilitava uma boa produção. Ainda assim, não sei como consegue ler tanta coisa; é que, se alguém lhe pergunta sobre um desses escritores de décima linha que ninguém conhece, Miguel Real leu-o de certeza ... e mais: tem opinião.

Enfim, ter um autor assim numa editora é uma bênção. Às vezes pedem-no-lo emprestado – e deixamo-lo ir; mas é por um bocadinho, até porque estamos sempre desejosos de que regresse.

Maria do Rosário Pedreira
Editora



Pinharanda GOMES

Súmula Curricular: Jesué Pinharanda Gomes nasceu no dia 7 de outubro de 1939, nos Quadrazais, freguesia do Conselho do Sabugal. Mau grado as dificuldades materiais e os sacrifícios vários que, por força das circunstâncias, teve de vencer, num percurso que o leva do Sabugal à Guarda, daqui para o Fundão e depois para Lisboa, jamais desistiu. O genuíno amor ao saber, que desde cedo se manifestou, materializou-se na sua dedicação incondicional ao estudo e à escrita que não deixa de cultivar durante toda a sua vida, aliás, exemplarmente sintetizado na expressão: a sua *biografia é a sua bibliografia*. Jesué Pinharanda Gomes é, no sentido pleno da palavra, um autodidata. E se o convívio com o chamado «Grupo da Filosofia Portuguesa», concretamente com os mestres-discípulos de Leonardo Coimbra, de onde se destacam Álvaro Ribeiro, José Maranhão e, mais tarde, Afonso Botelho, Cunha Leão, Orlando Vitorino, António Telmo e António Quadros..., foi muito importante na sua evolução intelectual, outro tanto se poderá dizer acerca dos bancos da Biblioteca Nacional, primeiro no Chiado e depois no Campo Grande, que foram, ao longo de muitos anos, os assentos, nas várias aceções da palavra, da sua Universidade. Foi neles que as múltiplas facetas de ensaísta, de pensador, de historiador da filosofia e da cultura, de escritor e de investigador da Cultura Portuguesa nasceram, floresceram e, finalmente, já na sua maturidade, vieram a lume, plasmadas numa vasta obra escrita que merece ser continuamente lida e estudada. Com efeito, na sequência da concessão do Doutoramento *Honoris Causa* a Jesué Pinharanda Gomes, pela Universidade da Beira Interior, no dia 20 de março de 2018, e por ocasião do 6.º aniversário da criação do homónimo *Centro de Estudos Jesué Pinharanda Gomes*¹¹ – Sabugal, que se celebra no dia 9 de junho do mesmo ano, a **Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior**, por iniciativa das comissões científicas dos cursos de Licenciatura e de Mestrado em Ciências da Cultura, e a Câmara Municipal do Sabugal, associada ao mencionado Centro de Estudos, decidiram organizar um Colóquio de estudo e de Homenagem a esta relevante figura da Cultura Portuguesa. Este Evento, subordinado ao tema «Celebrar o *Saber Amigo*», que terá lugar nos dias **8 e 9 de junho de 2018** (dia 8 na Covilhã, UBI, Anfiteatro da Parada, Polo I; dia 9 no Sabugal, CEPG), reunirá alguns especialistas que, sob diversas perspetivas e abordagens, se debruçarão sobre a obra do autor homenageado, não deixando, naturalmente, de destacar algumas passagens marcantes da sua vida.

Mensagem: ACTO DE ADMIRAÇÃO A MIGUEL REAL

Se não fosse o risco de passar pelo delito do egoísmo, e atentas as vezes em que Miguel Real abriu os lábios para, em público (por via de regra em colóquios ou reuniões) fazer da obra do subscritor destas linhas o tema de estudo ou de exposição, poderia ter, aqui, relatado a sequência das suas amáveis intervenções. Seria possível, mas pouco oportuno, uma vez que estamos em homenagem à obra de Miguel Real e não à de outro.

¹¹ Espaço cultural que soma quer o apreciável espólio bibliográfico (cerca de cinco mil livros), quer o conjunto de medalhas, condecorações, distinções, ofertas, entre outros bens, que o ensaísta em destaque generosamente doou ao Município do Sabugal. Para mais informações, cf. <https://www.cm-sabugal.pt/camara-municipal/equipamentos/municipais/centro-de-estudos-jesue-pinharanda-gomes/>, acedida a 23-04-2018.

Informado do Colóquio que a UBI levou a efeito acerca da vida e obra de Miguel Real, e só dele tendo conhecimento fora de tempo útil, a senhora D. Carla Sofia Luís teve a gentileza de entreabrir as portas para, querendo, permitir a entrada no espaço que, em livro, incorporará os frutos vivos daquele Colóquio. E agradecemos.

Salvo temários que em geral se situam fora do nosso alcance, parece-nos que, em um que outro, existe uma coincidência de interesses, bastando-nos mencionar os temas da alma portuguesa, da portugalidade, da religião e da ética, ou antropologia/teologia moral, e do pensamento filosófico português. Desde pelo menos 1985 – ano do ensaio intitulado *A Situação Actual da Filosofia em Portugal*, ainda assinado por Luís Martins, que temos acompanhado, decerto com muitos lapsos, a obra que, assinada Miguel Real, temos o agradável e útil ensejo de conhecer.

Das obras que conhecemos, prestámos atenção às *teorias*: *Nova Teoria do Mal* (2012), *Nova Teoria da Felicidade* (2013), *Nova Teoria do Sebastianismo* (2014) e *Nova Teoria do Pecado* (2017). Acerca de um que outro título de cuja leitura informámos o autor, por carta (caso de *Fátima e a Cultura Portuguesa*, 2018) os demais, objecto de esvoaçante leitura, mantemo-los diante dos olhos, sob o venerável respeito de quem deveras estimaria acerca deles meditar por escrito, não fosse o temor de subir ao púlpito, quando, na matéria de Teologia Moral, é complexo aceder à interpretação do pecado, origem do mal, e da graça, vera origem da felicidade.

Dava-se também o caso de estar em débito com uma notável obra, recebida na Primavera de 2011 – *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*, fundado na aporética dialogia epigráfica – “O Labirinto da Razão e a Fome de Deus”,¹² do ponto de vista temporal abrangendo doze decénios (120 anos). As datas inicial e terminal são as dos anos com que Miguel Real, mediante o Ultimato fecha o nosso século XIX, então se iniciando a decadência inevitável da Monarquia, em que o País sobreviveu em uma espécie de álgido interregno, perturbado por vários outros acontecimentos decadentistas e letais, em que avulta o Regicídio (1908), enquanto se erguem várias opções de reformulação do Estado, alfim reconstituído na proclamação da República, levada a efeito por uma minoria perante uma maioria, ou incapaz, ou descrente, ou demitida, ou indiferente, fenómeno ainda em nossos dias, ao que parece, abundante e preferido. Os acontecimentos avocados por Miguel Real são balizados por escritores de ideias, de prosadores e de poetas celebrados. Terminal, a adesão (?) à Europa.

Em seguros painéis construídos, o autor descreve os corpos físico e mental destes doze decénios: a predominância do racionalismo (por vezes impurificado pelo positivismo, e por este de alguns modos fragilizado como real instituto da razão); a dominação providencialista (também assomando nas formas de absolutismo, de autocracia e de equivocados messianismos, umas vezes temporalista, outras embebido em uma não demonstrada religiosidade escatológica); a ascensão das vertentes modernistas e, enfim, “a permanência funda, vital e vibrante do providencialismo e do espiritualismo portugueses no decurso do tempo em vista, com balizas em a *Ideia de Deus* (1902) de Sampaio Bruno e entre outros, *Portugal Razão e Mistério* (1986-1987) de António Quadros¹³. Mediante estes pressupostos, o autor define os três períodos históricos que nos desafia a contemplar – os triunfos do racionalismo (1890-1930), do providencialismo (1930-1974) e ainda agora, em estes mesmos nossos dias, e do débil apelativismo em dístico poético-honórico – “Europa connosco” (1974-2010).

Pontos de partida espirituais:

“A fome de Deus”. Repetindo o nome definido em muitos pensadores (identificados) pelas palavras e pelas obras, “coexiste uma fome de absoluto e de verdade de sentido religioso ou cultural, apenas remissível no seio da filosofia perene, isto é, apenas serenada quando, enfim, repousada na

¹² Lx^a, INCM, 2011.

¹³ M. Real, *ob. Cit.*, p. 25.

anteriana “mão de Deus”¹⁴ – outros preferindo a fórmula da peregrinação, ou da vida mendicante, no exercício de bater à porta, até que ela se abra.

Porém, essa fome de Deus distingue-se nas sequências expressas – uma dinâmica heterodoxa, de há séculos vigente, coexistindo com a hereditária e tradicional herança dos nossos maiores, a ortodoxia ou ortodoxias eclesiais (e não apenas de uma *eclesia* predominante, mas de todas as demais, mesquitas, templos, sinagogas...).

Nestas também se geram heterodoxias, causas de cismas e de separatismos, como efeitos de inadequadas relações entre a docência magistral ou por intromissões alógenas que dificultam o fruto da magistralidade deficientemente entendida¹⁵.

Tanto quanto à opinião comum, Portugal tem produzido indiferentismos, heterodoxias e heterodoxos (também por via da importação) mas idêntico juízo, salvo erro e omissão, não se identificam casos de heresias e de heresiarcas dos nossos naturais. O hábito de faltar ao respeito ao nome de Deus com expressões, algumas grosseiras, como ocorre em Espanha, julgamo-lo sem voz portuguesa, embora tenhamos de reconhecer que todos, de um modo ou de outro, infligimos o segundo preceito legal, invocando o nome divino em vão, mesmo em situações insólitas.

A modo de comparação, se o comum português não atende a filosofia, também parece não atender a religião, como se fôssemos por natureza laicos para aquela e leigos para esta.

O mote da gesta é constituído pela coordenativa “O Labirinto da Razão e a Fome de Deus”. Que significa “fome de Deus”? Segundo Miguel Real, “constitui a expressão sintética que define uma forte corrente espiritualista e providencialista do pensamento português contemporâneo”, em evolução de década para década¹⁶

Este pensativo pensamento visa “restaurar o vínculo substancial da unidade perdida da cultura e do povo portugueses (...), retomando o fio histórico de continuidade de cuja vibração constituiria o coração de Portugal”¹⁷. O Marquês de Pombal, nestes estilhaços, significa mais o nome de uma atmosfera político-social-filosófica e religiosa, do que o nome de um poderoso fidalgo.

Por “labirinto da razão” o autor entende “a expressão sintética da aspiração de inúmeros pensadores portugueses contemporâneos no sentido de estatuírem a razão como modalidade (ou via?) solidamente privilegiada do conhecimento e da acção”¹⁸.

O labirinto não é redutor. Nos exemplos aduzidos há lugar para casos da razão forte e razão fraca, ou cumprindo alianças com o humanismo (sobretudo o cristão, que assume a razão como dom), a ética laical e, até, a que ora se designa por “razão ecológica”.

O labirinto é motivo lúdico. Na sua forma arcaico-mítica, o tema requer essa origem mítica, no início envolvendo as ideias de temor e de tremor, desafios à heroicidade e às capacidades de construção e de desconstrução dos vários caminhos, apostos e/ou opostos, dificultando o achamento da via para a iniludível porta de saída (ou de entrada), pois no labirinto a razão fica prisioneira, ou, qual água corrente no leito da ribeira, impedida de correr pela construção de um açude. Ou o labirinto é a teia que ele mesmo tece para si e de que, então, anseia por libertar-se.

Em marginal glosa dir-se-á que assumida como factor absoluto, a razão fecha ou suspende a corrente de pensamento – talvez mais o especulativo do que o contemplativo – e do conhecimento (tanto do indutivo como do dedutivo?) estagnando ou não cedendo a outras adições e outros apelos, pelo que ela tende a tornar-se factor de inquietude e também de im(paciência) me-

¹⁴ Id., *ib.*, p. 26.

¹⁵ Ignoramos quantos casos em que as heterodoxias parecem basear-se em factores afectivos, ou de falta de diálogo oportuno, mesmo em emergente desafecto pela catequese, a começar pela catequese (em profunda crise) familiar, seja religiosa, seja neutra.

¹⁶ M. Real, *O Pensamento Português Contemporâneo*, ed. cit., p.25.

¹⁷ Id., *ib.*, p. 26.

¹⁸ Id., *ib.*, p. 27.

todológica. A dúvida surge aqui, como suspensão da fluência discursivo-gnoseológica, havendo motivo porventura charadístico para comparar *dúvida* e *dívida* – um obstáculo ou exigência que tende a enredar-nos, procurando solver a dívida, sem que necessariamente a solva ou dissolva, o que também pode ocorrer no teatro, em que o drama da *dúvida* se enrola, ou alguma vez se não desenrola. A página dedicada por Miguel Real à ideia (imagem) do labirinto, é excelente. Por vezes, o filósofo tem necessidade de dominar a arte dramática.

No caso da díade “labirinto da razão” – “fome de Deus”, avulta, sem que necessite de pleonástica oposição, um factor que importa, para além da díade, à tríade, o homem, a condição humana, aliás suposta em tudo quanto se acha expendido ou leccionado. Tem essa condição apenas a saga do labirinto da razão, e da fome de Deus, ou, por via desta e daquele, uma outra carência ou aporia? A sede de ser homem, ou mulher, a sede de se saber o que se é (para si mesmo e para todo o outro, seja este outro qual for), incluindo o mundo, o ser enquanto tal, o ser do homem no mundo ou, ainda além, na ideia divina.

Partindo destes motes, o autor abordará, num quadro geral (em boa verdade geralíssimo) os vectores do pensamento (geral e especial) no quadro temporal definido – vectores espiritualista, providencialista, racionalista, modernista, encerrando o excuro com um quadro configurador que permite, a um simples olhar, identificar a situação dos pensamentos e dos seus representantes no tempo, no seu vector e na relação com os demais. O resultado desta configuração demonstra, sem mais exigência, como o autor construiu uma adequada metodologia e veio a culminá-la em uma necessária e hermenêutica bibliografia.

O elenco dos autores próprios do pensamento português, que tende a abranger o pensamento para além do razoamento teórico, o prático e o filosófico, inclui dezenas de autorias ou de autonomias pensantes, apresentadas em um panorama includente, conseguindo uma abrangência universal, embora humanamente dizendo, cada leitor possa estender a existência de omissões, aliás inevitáveis ainda nos mais exaustivos elencos ou inventários, de onde haver lugar para achar omissão ou omissões, de onde a importância da prévia existência de inventários bibliográficos que, disponíveis, libertem o pensador de morosos tempos de pesquisa.

Testemunhámos pessoalmente, em inúmeras manhãs na sala de leitura da Biblioteca Nacional, a imersão de Miguel nas pesquisas que lhe proporcionaram a obra que temos em vista, omitindo a qualificação da essência, (por exemplo: filosófico, propondo a situação da categoria de tempo (contemporâneo). A omissão do qualificativo de essência permite viajar em toda a bibliografia, atinente a múltiplas disciplinas, constituindo um aglomerado de culto e de cultura, de cultuado e de aculturado, nesse aglomerado correndo, se não vimos mal, o filão discreto que se chama “filosofia”, tanto em género como em espécie.

As mentalidades agregadas nas cinco grandes capitulares coabitam e coexistem, tanto em seus próprios como em virtude das diferenças, pelo que a sinfonia não se desenvolve em clave monócórdica, mas polifónica. Há analogias e aproximações mesmo entre pensamentos que por vezes supomos estarem uns contra os outros, pois uma simples variação terminológica pode facilitar distanciação ou extremamento. Nem sempre a filosofia está desperta para a filologia, e vice-versa, para esse despertar tendo nós recebido as lições, orais e escritas do trilátero filologia, filosofia e teologia (sendo, esta, se concludente e demonstrável, ou afirmativa ou negativa ou duvidante, mas não esquecida enquanto problema da filosofia).

Entre tantos frutos de bem que todos devemos a Miguel Real, este que temos vindo a considerar constitui um mundo de gente viva e interveniente, perante a qual o autor, com método de transparência, nos convida a contemplar, como angélico mensageiro, autónomo e independente, a paisagem mental de um ciclo de tantos anos e de tantos pluralismos de ideias e de ideais. Longe ficam os tempos da medievalidade e das três tradições conviventes mas disputantes. Agora, aberto o mundo, as tradições serão mais do que as três, e considerando a mais que possível aliança pen-

samento/religião, haverá necessidade de se pluralizar e de evitar o unicismo comum e corrente de *igreja*, no caso em que estejam em aula, não uma, mas as igrejas com seus próprios e, portanto, diferenças.

A profecia da Justiça/Liberdade/Bem ético, entrevista por Antero de Quental, serve muito bem de chave ao solene sermão do pregador. Seja-nos lícito julgar que o livro acerca do qual temos vindo a discorrer, torna efectivo o precónio já entoado por Miguel Real, nesse outro livro que consideramos qual prolegómeno ou litúrgica iniciação à ideia e ao ser de Portugal (*Portugal Ser e Representação*, 1998).

Usamos o substantivo precónio, porque a palavra envolve a celebração da alegria de que nada se perdeu e de que viveremos a exaltação do saber quando o acharmos, sem pressa. Um escritor que gera e cria um texto como o citado, apresenta-se como um verdadeiro filósofo, na amplidão da *secura* que tantas vezes tornamos adjectivo de qualificação de “filosofia”. Não temos pressa.

Um certo dia de há muitos anos, aparecendo na tertúlia alvarinha e marinha, alguém instruído que, súbito, sem prólogo, afirmou aos circunstantes que não havia filósofos portugueses, a sagacidade de Marinho glosou: estranha coisa, o seres português e já estares a filosofar...

A presente empreitada de Miguel parece implicar a vantagem de continuar, respeitando análogo registo do tempo e dos modos, pelo que, havendo saúde e bom tempo, seria obra iniciática, proceder à reconstrução dos 120 anos anteriores a 1890, desse modo apanhando o ano de 1770. Considerando os prólogos e os adereços, a reconstrução abrangeria tanto a expulsão de Aristóteles, como a dos Jesuítas, como a da “reforma” da Universidade (1772), o terramoto, a ruína do mundo velho, e a inócua introdução da por vezes chamada “escolástica pombalina”, cujo mestre foi António de Génova, mestre escola de lógica e de metafísica, cujo nome passa como se não existisse e, todavia, segundo Ricardo Jorge, contribuiu para o embrutecimento de sucessivas gerações. A retrospectiva teria ainda a vantagem de, com um pouco de elasticidade, podermos compreender a natureza das ideias de Verney e, portanto, do ciclo que, grosso modo, se abre por volta de 1750.

Aclamemos, então, Miguel.

No hebraico Michael, a sílaba final, el remete para o nome divino. Estamos perante um nome angélico, um ser que tanto sobe para colher, como desce para depois distribuir. Nome interrogativo e questionante que, em coro com Gabriel e Rafael, compõe a angelológica septíada que assiste diante do trono “e que apresentam as orações dos justos” (Tob. 12, 15).

Nome régio, cognominado real, Miguel: quis ut Deus?

Graças damos a um e a outro, pelos benefícios colhidos nos simpósios que nos têm permitido partilhar. Bem Haja, *ad multos annos*. [P. G.]



Silvie ŠPÁNKOVÁ

Universidade Masaryk de Brno

Súmula Curricular: Professora de Literatura Portuguesa na Universidade Masaryk de Brno, República Checa; doutorada pela Universidade Carolina de Praga com a tese sobre os romances de António Lobo Antunes; autora de vários ensaios sobre a ficção portuguesa dos séculos XIX e XX. Atualmente dedica-se ao estudo da narrativa breve portuguesa e à pesquisa do imaginário urbano, sobretudo lisboeta.

Mensagem: Navegando com Miguel Real pelos mares geográficos e literários

Não só no seu país natal, Miguel Real é já há muitos anos um nome incontornável para quem estude a cultura, história, filosofia e literatura portuguesa. Posso falar disso, pelo menos, do meu ponto de vista de lusitanista estrangeira, vinda de um lugar que, embora geograficamente centroeuropeu, constitui também um canto dir-se-ia culturalmente “periférico”, semelhante àquele de *finis terrae* atlântico, em relação àquela Europa-élite, paradigma de poder e de um certo ideário que, como Miguel Real assinala, nem sempre se ajusta à mentalidade de todas as nações que formam o nosso continente. Mas enquanto a língua portuguesa ultrapassou as fronteiras nacionais e continentais, facto que Miguel Real acentua ao discutir a questão de um outro ideário, o da lusofonia, a língua checa, que é a minha, ficou limitada ao seu solo matricial. Apesar disso, pelo que posso testemunhar, o povo deste meu pequeno país centroeuropeu que é a República Checa, comparável a Portugal pela extensão e número de habitantes, adere com muitas simpatias não só à cultura portuguesa, mas também às outras culturas, cujo denominador comum é a língua portuguesa, porque apesar da existência de muitas línguas autóctones em África e no Brasil, o português abre, para nós, estrangeiros, a possibilidade de se familiarizar, por mais superficialmente que seja, com culturas que de outro modo ficariam, para nós, desconhecidas. Posso falar de tudo isso, pelo menos, em nome de alunos que anualmente, às dezenas, entram nos cursos de língua portuguesa e literaturas lusófonas, fascinados como eu própria com as experiências sempre novas e inesperadas que esse grande potencial cultural e humano, simbolicamente ligado à língua portuguesa, nos proporciona.

Miguel Real consegue ser crítico, provocador e incoformista. Repare-se, por exemplo, nas suas interpretações da sociedade, cultura e “vocaçãõ histórica” de Portugal que, na sua perspetivação da contemporaneidade portuguesa “sonâmbula”, coincidem com certas ideias de José Gil (*Portugal, Hoje: O Medo de Existir*, 2004). Mas a crítica não só é saudável como necessária, tal como a navegação. *Navigare necesse est*, disse Gnaeus Pompeius, precisamente, ao lançar-se com os seus homens ao mar em condições perigosas. Por isso, costumamos navegar com Miguel Real, não só nas aulas de literatura portuguesa, pelos mares ainda inexplorados da contemporaneidade portuguesa. Neste sentido, Miguel Real continua a tradição dos descobrimentos, desta vez no domínio da ficção portuguesa, ao debruçar-se sobre novos textos que vão sendo publicados em Portugal. Releve-se, a este respeito, o magnífico estudo *Romance Português Contemporâneo (1950-2010)*, publicado em 2012, que apresenta uma abordagem de seis décadas da produção literária romanesca em Portugal e que surpreende, entre outros, pela sua engenhosa estruturação,

revelação de ideias originais e extensão invejável do material trabalhado. Pessoalmente, gosto também do trabalho *Geração de 90. Romance e Sociedade no Portugal Contemporâneo* (2001) que juxtapõe duas eras tão diferentes entre si quanto semelhantes pelo seu espírito epocal de declínio, crepuscular. Talvez valha a pena ver se não haveriam outras afinidades entre as outras duas épocas que interessam neste momentoos inícios dos séculos XX e XXI. Pelo que posso presenciar atualmente, há uma imensa vontade de evocar e homenagear, vários autores e obras desse início do século XX, tornando-o, assim, parte da nossa própria contemporaneidade. O espírito de Pessoa, Sá-Carneiro, Aquilino e muitos outros, está sempre connosco e os novos autores, queiram ou não, têm que lutar com eles como Jacob com o Anjo. Mas não se trata só de uma presença assombrosa, fantasmática, dos autores antigos que são simbolicamente devorados pelos Édipos-autores novíssimos, trata-se também de uma seiva e de um estímulo sempre renovado. Com estas divagações pretendia homenagear, também, mais uma vertente da atividade de Miguel Real enquanto pensador e crítico literário, essa que se relaciona com o seu trabalho assíduo de de ponderada análise de novidades literárias, examinadas sobretudo nas páginas de *Jornal de Letras*. Neste trabalho sisífico de seguir continuamente e sem descanso a produção literária portuguesa, é preciso sublinhar três tributos de grande impacto:

- a) descoberta de novas obras de relevo e a conseqüente atualização da cena romanesca, discutindo e (re)elaborando permanentemente o cânone português;
- b) capacidade de “ouvir” os jovens autores, muitas vezes estreatantes, e de estabelecer um diálogo intergeracional, de uma grande empatia e compreensão;
- c) apresentação de uns recantos do romance português contemporâneo que de outra maneira ficariam por descobrir, sobretudo quando a distância entre o receptor e o mercado é grande, como no nosso caso, professores e investigadores estrangeiros, dependentes de notícias impressas ou mediadas.

Como se não fosse suficiente todo este trabalho, a atividade ensaística, crítica e filosófica de Miguel Real é ainda acompanhada pela criação literária original, romanesca, que entre outros assuntos recupera vários capítulos da história de Portugal, entrelaçada, como a fazer jus ao ideário do autor, com a história de outros países lusófonos, sobretudo do Brasil. Também esta faceta deve ser enfatizada. Portanto, devido a toda esta riqueza intelectual e criativa, Miguel Real é sem dúvida uma das grandes personalidades que representa a cultura contemporânea, em Portugal e no estrangeiro.



Teolinda GERSÃO
Escritora

Súmula Curricular: Teolinda Gersão nasceu em Coimbra. Estudou Germanística, Romanística e Anglística nas Universidades de Coimbra, Tübingen e Berlim. Foi Leitora de Português na Universidade Técnica de Berlim, assistente na Faculdade de Letras de Lisboa e depois de provas académicas professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa, onde ensinou Literatura

Alemã e Literatura Comparada. Além da permanência de três anos na Alemanha, viveu dois anos em São Paulo, Brasil, e conheceu Moçambique, onde decorre o romance de 1997 *A Árvore das Palavras*. Autora sobretudo de romances, publicou até agora duas novelas (*Os Teclados* e *Os Anjos*) e duas colectâneas de contos (*Histórias de Ver e Andar* e *A Mulher que prendeu a Chuva*). Quatro dos seus livros foram adaptados ao teatro e encenados em Portugal, Alemanha e Roménia. Dois dos contos deram origem a curtas metragens e está a ser feita uma longa metragem a partir do romance *Passagens*. Foi escritora-residente na Universidade de Berkeley em 2004.

Mensagem

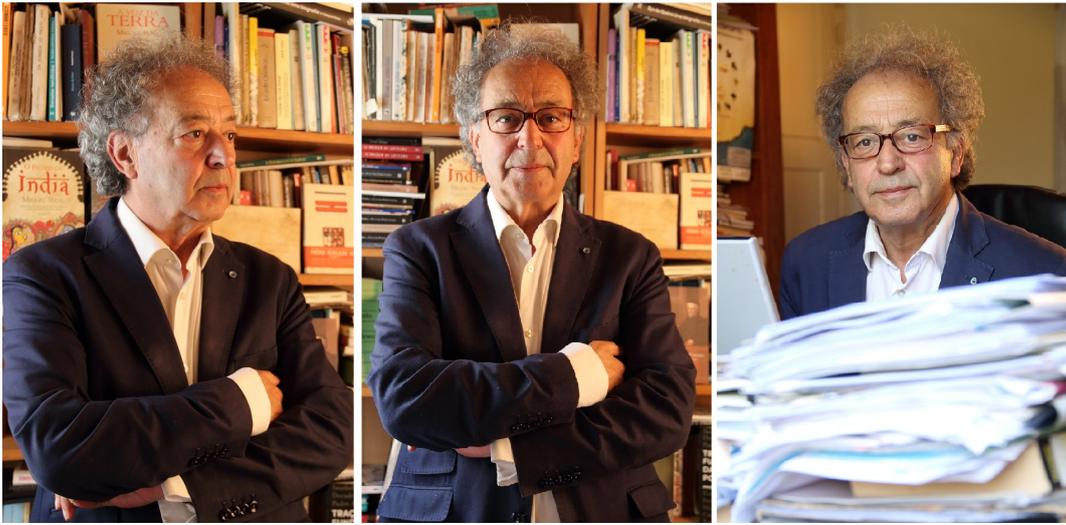
Miguel Real:

Numa época superficial e distraída, em que os jornais dão cada vez menos espaço aos livros, e menos ainda à literatura, é duplamente grato saudar intelectuais de cultura sólida e vasta, como Miguel Real, que lêem e escrevem por interesse e paixão, e não por salário nem dever de ofício. Ao longo de décadas, além de escrever os seus próprios romances, porque ele próprio é produtor de literatura, Miguel Real, que vem do mundo da filosofia e do ensaio, tem-se ampla e generosamente debruçado sobre os livros dos outros, quer em resenhas em jornais, quer no contexto mais vasto de trabalhos de investigação, posteriormente compilados, sobre épocas, correntes, tendências, numa perspectiva temporal alargada, que abrange sobretudo os séculos XX e XXI – sem esquecer, no entanto, o seu interesse pela Antiguidade Clássica e a raiz filosófica da sua formação, patente noutros ensaios, nem outras épocas históricas, que surgem com vigor em algumas das suas obras de ficção.

No tempo que atravessamos, em que os críticos e os ensaístas são tão raros, Miguel Real é uma voz a festejar, aplaudir, e a não perder.

Teolinda Gersão

MIGUEL REAL NO SEU “LABORATÓRIO DE ESCRITA”



Autobiografia Imperfeita¹⁹

“Miguel Real” nasceu no dia em que o Luís Martins se zangou consigo mesmo, dando conta disso em *Carta de Sócrates a Alcibíades, seu vergonhoso amante* (1987), seu primeiro livro. O Luís Martins era marido, pai e professor de filosofia no ensino secundário. O Miguel Real separou-se do Luís Martins, achou que não era suficiente ser como todos são, e, aos 34 anos, começou a escrever segundo três dimensões – a da ficção, que iniciara ainda como aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, a da investigação sobre a cultura portuguesa e a da filosofia.

Não houve um plano, houve uma determinação, um acto originário da consciência, e os livros foram-se sucedendo um pouco circunstancialmente, ao abrigo de convites para participação em congressos académicos, em viagens culturais a África, à América Latina, à Índia, mas hoje, olhando para trás, percebe-se terem sido constantes (i) a exploração de temas ligados à filosofia, (ii) uma escrita de natureza estético-ficcional e, ainda, (iii) sobre questões vinculadas à identidade nacional.

Sobre esta última temática, devo salientar que me foi estimulada, e bastante, por um aluno do 12º ano, o Rui Lopo, hoje doutorando em Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa. Interrompi-me as aulas falando sobre o pensamento de Agostinho da Silva, relacionando-o com a matéria leccionada nas aulas. Eu nada sabia sobre a filosofia em Portugal e via-me constrangido a confessá-lo. Para ultrapassar este meu defeito cultural (no tempo do meu curso, finais da década de 1970, não existia a cadeira de Filosofia em Portugal no currículo universitário), comecei a estudar este tema de um modo autodidáctico. E, lentamente, fui-me apaixonando por ele. Devo ao Rui Lopo uma parte da minha vida intelectual.

Porquê três dimensões e não uma só? Não sei. Não tinha editora e concorri aos Prémios Revelação da Associação Portuguesa de Escritores, ao de Ficção (*O Outro e o Mesmo*, 1980, ainda com o meu nome verdadeiro), e ganhei, consolidando em mim a necessidade de uma satisfação estética da sensibilidade, e ao de Ensaio, e ganhei de novo (*Portugal – Ser e Representação*, 1998), consolidando em mim a necessidade de uma exploração do universo ligado ao raciocínio analítico, a temas da História e da Filosofia. Ficção para satisfação da sensibilidade, reflexão filosófica e relativa à cultura portuguesa para satisfação do entendimento. Estávamos ainda no século XX. Desde então saiu em média um livro por ano. Por vezes, dois. Estes dois prémios “Revelação” foram-me muito, muito estimulantes: ganhei o gosto da escrita, da disciplina do pensamento e da indisciplina da imaginação. Desde o princípio deste século, tenho acompanhado quinzenalmente, no “Jornal de Letras, Artes e Ideias”, sob a direcção de José Carlos de Vasconcelos, a evolução do romance português e a irrupção de uma novíssima geração no campo da ficção. Disso dei conta em *Romance Português Contemporâneo – 1950 – 2010* (2011), um ensaio polémico, cujas teses, aceites por uns, contestadas por outros, se tornaram uma referência de consulta obrigatória na actual historiografia literária. Prova: as duas edições esgotadas em Portugal e as anunciadas traduções para o Brasil e a França este ano de 2018.

De *Portugal – Ser e Representação* (1998, Prémio Revelação Ensaio da Associação Portuguesa de Escritores) a *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017), fui percorrendo um itinerário inquiridor sobre a identidade histórica de Portugal através da análise da obra dos seus importantes protagonistas: *Marquês de Pombal*, 2005; *Eça de Queirós*, 2006; *Agostinho da Silva*, 2007; *Eduardo Lourenço*, 2008 – Prémio Jacinto do Prado Coelho da Associação Portuguesa de Críticos Literários; *padre António Vieira*, 2008; *Matias Aires*, 2008; *José Enes*, 2009; *Comentário a Mensagem de Fernando Pessoa*, 2013; *Sebastianismo* em 2014, e, finalmente, em colaboração

¹⁹ Texto escrito para a *Revista Vaca Malhada* (Miguel Real, “Autobiografia Imperfeita”, *Vaca Malhada – Revista de Filosofia dos Estudantes da Universidade do Minho*).

com Filomena Oliveira, minha mulher, publiquei, em 2016, *O Teatro na Cultura Portuguesa do Século XX*.

Foi a totalidade destes ensaios, a que se deve acrescentar *Fátima e a Cultura Portuguesa* (2018), bem como a participação em inúmeros congressos sobre a realidade histórica, social e cultural de Portugal, que prepararam a publicação de *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017), que – devo confessá-lo – considero um dos livros mais bem conseguidos dentro da qualidade mediana da minha escrita.

Devido à integração europeia e à globalização, a cultura portuguesa tem sofrido uma mutação fundamental. De paroquial em grande parte do século XX, tornou-se cosmopolita, hedonista e relativista. Era necessário demarcar estas novas qualidades, bem como evidenciar os aspectos multiculturais sofridos no campo sociológico dos costumes.

Abordam-se, assim, o importantíssimo papel das Ordens Religiosas na formação dos traços fundamentais da cultura portuguesa, a viragem hermenêutica operada no final do século passado sobre a “lenda negra” dos Jesuítas (José Eduardo Franco), o debate sobre o papel dos “estrangeirados” (António Pinto Ribeiro), a nova cultura urbana, a questão do pessimismo nacional, a questão anterior da Decadência ou do Declínio, a abertura multicultural de Guilherme d’Oliveira Martins, as novas e importantes propostas culturais de Bragança de Miranda e Moisés Lemos Martins, o neo-criticismo de Boaventura de Sousa Santos, a saudade, a lusofonia, o marranismo...

Defende-se ser o actual momento da cultura portuguesa o de um “intervalo civilizacional”, pois já não somos o que fomos, mas ainda não sabemos o que actualmente somos, condicionante do que doravante seremos. Possuímos hoje uma forte cultura científica, mas milhões de nós fomos a Fátima em Maio; pela primeira vez, tínhamos deixado de ser emigrantes, constante cultural portuguesa desde os séculos XVI/XVII, passámos a ser terra de acolhimento de imigrantes; porém, na última década a emigração retornou em força; éramos um povo lento e passivo, com pouquíssima participação cívica – continuamo-lo a ser? As elites, continuam a ser autistas, poderosas e a desprezar a população? Quais os efeitos na mente dos portugueses da perda do Império: uma genuína amputação histórica ou o desembaraço de algo que nos pesava? Instituições tradicionais vão fenecendo a nosso lado: o modelo clássico da família, as Forças Armadas como povo em armas, a escola como modelo do saber... Não há respostas unívocas e definitivas para estas questões, mas do seu desenvolvimento actual e futuro dependerá em grande parte a nossa história até ao final deste século.

O campo do ensaio reflexivo levou-me à escrita de três livros sobre a Ética (*Nova Teoria do Mal*, 2012: o Mal como valor absoluto, real, não metafísico nem teodiceico, uma espécie de teoria naturalista do mal; *Nova Teoria da Felicidade*, 2013: a felicidade como valor superior da ética, e *Nova Teoria do Pecado*, 2017: o pecado, o medo e a culpa como sustentáculos da civilização ocidental), bem como à reflexão sobre a história e a teoria do corpo em *Manifesto em Defesa de uma Morte Livre* (2015), sobre a religião em *O Futuro da Religião* (2014) e sobre a situação histórica e política de Portugal em *Portugal – Um país parado no meio do caminho – 2000 – 2015* (2015). São livros em que tento pensar com alguma originalidade, sem copiar teses alheias, ainda que, não raro, me inspire em autores nacionais ou estrangeiros. Porventura, o melhor livro desta série será *O Pensamento Português Contemporâneo. O Labirinto da Razão e a Fome de Deus. 1890 – 2010* (2011), no qual, ainda que imperfeita, tentei esboçar uma nova perspectiva da história da filosofia em Portugal.

No campo da narrativa ficcional, tenho escrito teatro com Filomena Oliveira. Entre várias peças, *Uma Família Portuguesa*, 2008 – Grande Prémio de Teatro Sociedade Portuguesa de Autores/Teatro Aberto; *Vieira – O Céu na Terra*, representado em Portugal, no Brasil e na Guiné-Bissau; *Europa, Europa*, 2016, representado no mesmo ano pela companhia de teatro Éter na Quinta da Riba Fria, um palácio renascentista em Sintra, e *As Máscaras de Pessoa*, 2018, sobre

o labirinto mental da heteronomia pessoal. Fizemos igualmente a adaptação dramática dos romances de José Saramago, *Memorial do Convento* e *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, representadas pela Éter no Convento de Mafra e na Fundação José Saramago.

No campo do romance histórico, dediquei-me em grande parte à presença portuguesa no Brasil ao longo de 400 anos: *Memórias de Branca Dias* (a primeira judia no Pernambuco/Brasil, 2003), *A Voz da Terra* (sobre o Terramoto de 1755, com personagens brasileiros, 2005: Prémio Ficção Fernando Namora 2006), *O Último Negreiro* (sobre Francisco Félix de Sousa, o último grande negreiro de Ajudá no Dahomé/Benin, 2006), *O Sal da Terra* (a vida de Pe. António Vieira, 2008), e *A Guerra dos Mascates* (a guerra entre Olinda e o Recife em 1710, 2011). Constituiu expressão de uma fase brasileira na minha vida, todos os anos ia ao Brasil e durante cinco meses, com uma bolsa do Centro Nacional de Cultura, percorri todas as cidades onde Pe. António Vieira viveu e pregou. Esta paixão pela cultura brasileira entre 2001 e 2010 prolongou-se na escrita de dois álbuns: um, *Atlântico. A Viagem e os Escravos* (2005), sobre o fluxo dos escravos africanos para o Brasil, com desenhos de Adriana Molder e fotografias de Noé Sendas; outro, *As Missões. Bandeirantes, Jesuítas e Guaranis* (2009), com imagens de Graça Morais. A partir de 2011, ganhei nova paixão, sobre o Oriente – encetei viagens na Índia e em Macau, descritas em dois romances.

No campo do romance, publiquei ainda *O Último Minuto na Vida de S.* (sobre a relação amorosa entre Snu Abecassis e Francisco Sá-Carneiro 2007), *O A Ministra* (2009), *As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia* (2010), *O Feitiço da Índia* (sobre a colonização portuguesa de Goa, 2012), *A Cidade do Fim* (sobre a presença portuguesa Macau, 2014) e *O Último Europeu* (uma utopia/distopia projectada para 2284, 2015). Em 2016, escrevi a quatro mãos, com Manuel da Silva Ramos, num estilo satírico e surrealista, a novela *O Deputado da Nação*.

Pessoalmente, considero *A Visão de Túndalo por Eça de Queirós*, a revelação de um manuscrito inédito (falso) deste autor, publicado em 2000, Prémio Ler/Círculo de Leitores, um dos meus romances mais bem conseguidos.

Porque “Vaca Malhada” é uma revista de Filosofia, permita-se-me que desenvolva um pouco mais a série “Novas Teoria de...”. Nela, intento pensar de raiz os conceitos tematizados, o Mal, a Felicidade, o Sebastianismo, o Pecado. Não existe um plano, mas existe uma orientação geral que comanda a escolha dos temas: o Mal como ontologicamente superior ao Bem e a Cultura (a Ética, a Moral) como tentativa de superação ou suavização do Mal; como deve ser hoje entendida a Felicidade enquanto suprema finalidade moral da vida (Aristóteles) e, no ano de 2017, o Pecado como desvirtuamento das pulsões do corpo imposto pelo Cristianismo enquanto motor máximo da civilização e cultura ocidentais.

Em *Nova Teoria do Mal* defendemos que o mal é universal e absoluto, e o bem, pensado como harmonia e perfeição activa, existe apenas de um modo provisório e temporário. Neste sentido, o bem é apenas um arranjo que perdura, um equilíbrio que se mantém, auto-replicando-se. Deste modo, o mal é substancial, o bem accidental; o mal é um estado permanente; o bem um estado humano provisório; o mal é ontológico, o bem ontico; O mal é ético, princípio maior de inspiração ética; o bem, da moral; o mal é a acção natural, o bem uma reacção, um artifício para aplacar e controlar o mal.

Cruzando filosofia e história, *Nova Teoria do Sebastianismo*, para além de uma pequena história do conceito, desenvolve-se, de certo modo, o conceito de sebastianismo como a consciência simbólica do máximo ser profundo (inconsciente) de Portugal, segundo a terminologia de Eduardo Lourenço. Efeito de um delírio mental provocado pela ruptura social e civilizacional de Alcácer Quibir, o sebastianismo constitui a expressão do desejo popular de normalização social e de prosperidade económica de uma população desde então (século XVII) desprezada pelas elites políticas até à irrupção da democracia no 25 de Abril de 1974. Constitui, assim, um ensaio que reflecte sobre o mito sebastianista como alucinação racionalmente falsa mas sentimentalmente verdadeira

e nos dá a conhecer os autores que trataram o tema, desde Bandarra e Padre António Vieira até aos filósofos contemporâneos, passando por Fernando Pessoa, António Quadros, António Sérgio e Eduardo Lourenço.

No livro publicado em 2017, *Nova Teoria do Pecado*, destaco o supremo pecado do Cristianismo, o de se ter transformado de religião e vivência europeias do sagrado em Poder político institucional, negando e oprimindo, ao longo de mil e quinhentos anos, as restantes religiões e complexos comportamentais (os costumes), substituindo-os por uma mentalidade virtuosa segundo os preceitos evangélicos ou bíblicos, impostos por um Estado opressivo e totalitário. Com o pretexto da eliminação do paganismo latino (mediterrânico) e celta (os povos ditos “Bárbaros”), inclusive dos deuses presentes milenarmente na Península Ibérica, o Cristianismo constituiu-se como uma genuína máquina de eliminação civilizacional daqueles povos, o que hoje designaríamos por etnocídio cultural. Conclui-se ser o homem, primitiva e antropologicamente, um cruzamento de mal e medo, confluindo ambos na atracção e no temor do pecado. Este une o mal ao medo e o medo ao mal numa simbiose perfeita de malignidade e culpabilidade. Deste modo, ao longo dos últimos dois mil anos, o pecado (o indecente, o sujo, o imundo, o vergonhoso, o rejeitado, o obsceno, o banido, o impuro, o indigno, o objecto, o infame, o irracional, a transgressão, o crime...), ainda que socialmente excluído, exerceu um poder de atracção mental tão forte quanto os mandamentos morais como expressão do bem. Ambos, virtude – expressão da ética e da moral – e pecado – expressão da imoralidade e da devassidão, da “iniquidade”, como diria São Paulo - têm convivido numa tensão paradoxal nos últimos dois milénios. Supremo inimigo cultural do Cristianismo: o corpo e as suas emoções, ditos sede ou expressão do Demónio, este entronizado miticamente como figura universal do Mal. Em *Nova Teoria do Pecado*, não desenvolvemos a teoria do Corpo na Europa ao longo do poderoso domínio do Cristianismo porque já o tínhamos abordado e explorado no livro *Manifesto em Defesa de uma Morte Livre* (2015). Por isso, porque as emoções/paixões se constituem como o supremo inimigo civilizacional do Cristianismo, o pecado constitui a categoria filosófica e religiosa sobre a qual a Europa cristã assentou as suas constantes culturais e civilizacionais. Dito de outro modo, a categoria sobre a qual edificou o Poder, o poder religioso, mas sobretudo o poder político e social. Quando se refere que a Europa cristã ergueu a sua civilização com base na categoria religiosa de pecado diz-se, conseqüentemente, que ela assentou a sua civilização sobre o modo singular de viver com a emoção primária de Medo e com o sentimento de Culpa. Medo e Culpa constituem as duas colunas ético-morais que sustentam o edifício do Pecado. Por isso, Pecado, Medo e Culpa constituem o triângulo ético-religioso abordado neste ensaio. Hoje, no Intervalo Civilizacional em que vivemos, sabendo donde viemos mas desconhecendo o nosso futuro, nenhum conceito é mais ambíguo que o de “pecado”, profundamente indefinido no seu complexo semântico referencial. Porém, o abandono voluntário pela Europa de uma vivência do pecado não significa idêntico abandono de uma consciência culpada. Pelo contrário, toda a filosofia prova, de Kierkegaard e Nietzsche a Heidegger, Levinas e Merleau-Ponty - e, em Portugal, de Pedro Amorim Viana e Antero de Quental a Leonardo Coimbra e Paulo Borges -, a existência de um sentimento de culpa, latente e pulsante no coração do homem. Com excepção dos violentos, os actos ontem vistos como pecaminosos são hoje considerados meros “desvios”, “infracções” ou “transgressões” em relação ao pensamento e à acção socialmente dominantes, não forçando o seu agente à exclusão, à vergonha, à abjecção, ao ostracismo, muito menos à queima numa fogueira inquisitorial. Em *Nova Teoria do Pecado* intenta-se, assim, compor uma biografia deste conceito, recuperando, sob e sobre a ética e a moral cristãs de pecado, profundamente excludente e totalitária, o conceito de Pecado segundo a civilização e a cultura gregas (*amartia*), que o não teriam elevado a uma natureza sagrada, tratava-se de um assunto exclusivamente humano. Assim, a visão cristã de pecado cruza simultaneamente a tradição greco-latina de falhar o alvo, de se enganar, de cometer um erro, de se desviar do caminho certo (*amartia*), com a tradição judaica do estabeleci-

mento de uma intenção de revolta, de contestação, seja contra a instituição igreja e o seu corpo de prescrições sociais, dimanadas da cúria romana, seja contra deus, ele próprio, isto é, como *aversio a Deo et conversio ad bonum creatum*, hipostasiando ambas as tradições num cúmulo absoluto de sagrado, fora do qual reinaria a “iniquidade” de S. Paulo e o “demónio”, “príncipe do mal”, da igreja romana.

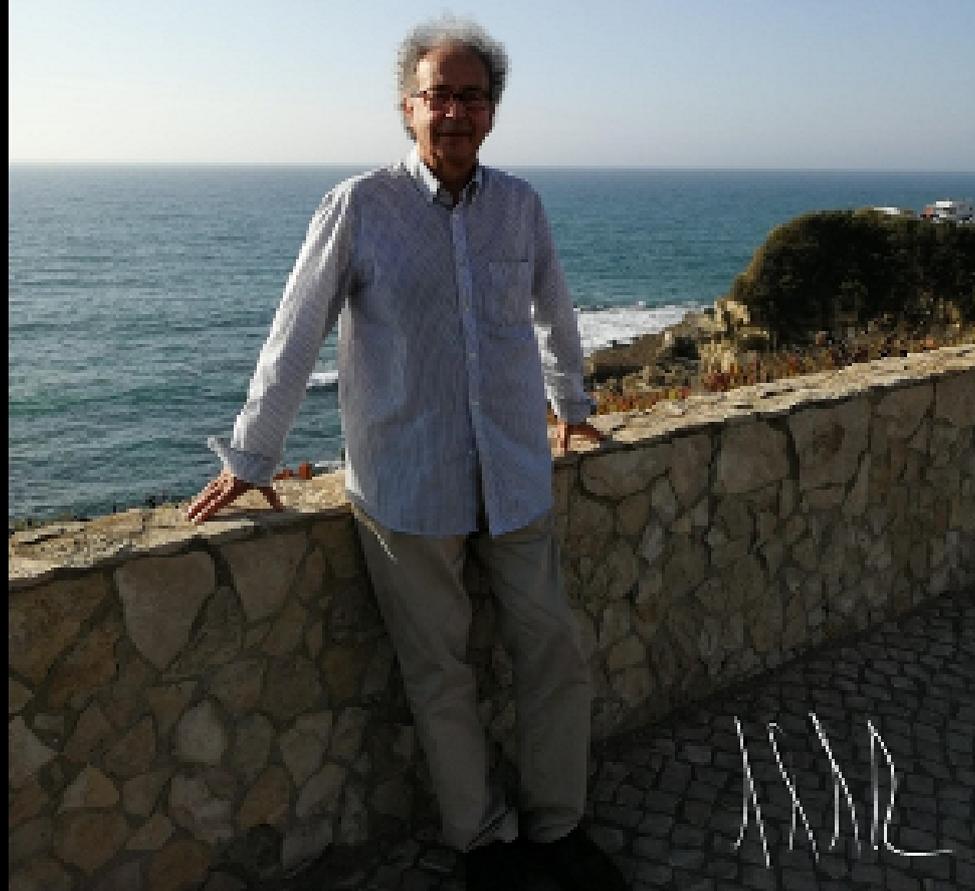
Dito de outro modo, o conceito de Pecado mudou de natureza: de conceito prescritivo de natureza política e sociológica, imposto como lei e hábito universal a toda a comunidade, tornou-se, desde o século XIX, um conceito para uso restrito, não tanto dos cristãos, mas mais dos católicos, que por ele ostentam uma mentalidade cruzada de Medo e Culpa, lançando ao Céu (a Deus, a Nossa Senhora de Fátima) a ventura ou a desventura da existência social de cada crente.

Devo terminar com uma confissão íntima: não me considero um grande teórico da filosofia e da identidade cultural portuguesa, como não me considero um grande romancista. Mas também não me vejo, nestas vertentes, como habitando em vales medíocres e lamacentos. Considero-me – apenas – como um autor mediano, não genial nem medíocre, e fraco se comparado com os grandes (em Portugal, José Saramago, António Lobo Antunes, Agustina Bessa-Luís, Eduardo Lourenço ou Fernando Gil, por exemplo), ainda que possuidor de qualidade suficiente para ser lido por uma imensa minoria de leitores.

No final, não posso deixar de agradecer à *Vaca Malhada* e ao Luís Ladeira a motivação para escrever esta autobiografia imperfeita, tão imperfeita como tudo o que tenho feito na vida pública e intelectual. Ao contrário, na vida íntima tenho sido imensamente feliz e, portanto, tenho tido uma vida “perfeita”.

Miguel Real,
Quinta de Santo Expedito,
Colares – Sintra,
23 de Fevereiro de 2018.

Miguel Real: 40 anos de Escrita: Literatura, Filosofia e Cultura



Org. : Annabela Rita, Carla Sofia Gomes Xavier Luis
e Alexandre António da Costa Luis.